

LEMBRANÇAS E MOMENTOS DE FÉ



BIANOR MEDEIROS

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO
RIO GRANDE DO NORTE

S U M Á R I O

| | |
|---|----|
| Agradecimentos | 07 |
| Prefácio | 09 |
| Palavras de um seridoense | 11 |
| Razões destes escritos | 13 |
| Festa de N. Senhora da Guia | 15 |
| Passado Distante | 16 |
| Acari e Eu | 22 |
| Gargalheiras | 24 |
| Kátia, minha filha, minha Santa | 25 |
| Meu Pai | 26 |
| A linguagem das coisas | 27 |
| Desejos do Barnabé | 28 |
| Árvores inesquecíveis | 29 |
| Curtas; não sei, porém, se boas | 30 |
| O orador inflamado | 33 |
| A casa de minha avó | 38 |
| Relíquias da minha terra | 40 |
| A criança que envelheceu | 43 |
| O preto querido e folgazão | 45 |
| A sopa de Zé Nunes | 48 |
| O surgimento do mal | 51 |
| Declaração | 52 |
| Dando graças a Deus | 53 |
| Carta 1 | 54 |
| Carta 2 | 55 |
| Deus | 56 |
| Prece do Natal (991) | 58 |
| Matando o tempo | 59 |
| Que decepção | 60 |
| Reflexões | 62 |
| As quatro fés | 64 |
| Meu amigo irmão, o autêntico | 67 |
| Cantar, cantar e cantar | 68 |
| Por que fumar? | 69 |
| Frutos de Meditação | 70 |
| A pena mínima | 71 |
| Saúde, beleza da vida | 72 |
| Readquirir a voz | 72 |

AGRADECIMENTOS

*Aos meus pais Jeferson e Maria Celsa,
cristãos de vidas simples e exemplos
de bondade,*

*À mulher, filhos, genro, nora e netos,
pela ajuda e preces quando do meu
padecer e incentivo na recuperação,*

*Aos amigos que, na adversidade, trou-
xeram-me palavras de conforto ou com
preces pediram meu restabelecimento
ao SENHOR DEUS...,*

a gratidão imorredoura.

AGRADECIMENTOS

Resta-me agradecer ao Ilustre Governador José Agripino Maia, a providencial ajuda dada quanto à publicação deste trabalho, fruto de amor à terra mãe e de momentos de exercitação de minha fé n' Aquele que tudo pode. Certo estou de que cada leitor compreenderá a grandeza do seu gesto, suprimindo a insensibilidade de quem não alcançou o dever, como homem público, de valorização do setor cultural.

Minha gratidão, ainda, à Diretoria da CERN, nas pessoas do Jorn. Wellington Medeiros, Paulo Câmara e Hildo Rego.

Ao Diretor do Dep. de Planejamento, Juliel Peres Galvão e, ainda aos componentes da Seção de Fotocomposição.

Um agradecimento, igualmente, ao Dr. José Fernandes Neto, Prefeito da minha terra pelo que por ela fez e ao Dr. Juarez Bezerra de Medeiros (Prefeito eleito) pelo que por ela fará à frente dos seus destinos, conforme esperam todos os Acarienses.

Bianor Medeiros
novembro, 1992

PREFÁCIO

“Com a perda da voz, limito-me a meditar, orar e escrever”.

“....Não posso, resolutamente, recusar a Esperança”.

Os marcados por profundas experiências de dor e angústias, quando movidos pelo ESPÍRITO, constituem autênticos presentes de DEUS aos homens.

Convivem com a SABEDORIA e SERENIDADE exatamente porque já estão acima e além das vaidades e futilidades de um mundo pleno de contradições.

Com que respeito, silêncio e admiração devemos auscultá-los.

Assim é este livro de Bianor — Em meio a doces e suaves recordações, mensagens de fé, confiança, otimismo, resignação e alegria — tudo em estilo simples e acolhedor.

Bianor, um homem bom e humilde. Reto e estudioso das coisas, fatos e costumes do Seridó. Tem mais quatro livros publicados. Vamos ler também este “LEMBRANÇAS E MOMENTOS DE FÉ” que, enfim, é um canto de LOUVOR, um testemunho de que NÃO RÉCUSOU A ESPERANÇA.

Luiz G. M. Bezerra

Natal, Outubro de 1992

PALAVRAS DE UM SERIDOENSE

Pediu-me Bianor, para eu escrever algumas palavras, sobre mais um livro seu — Lembranças e Momentos de Fé.

Por que lembrou-se de mim? Porque em mim acreditou.

A sua lembrança, é a infância no Acari, que, narra, e é no Acari onde se encontra parte de minha vida, ali nasceu meu Pai, razão de minha existência — Como ele amava a cidade do seu nascimento. É o Acari que conheci, deitado numa rede, nos meus quatro anos de idade, nas Estórias contadas pelo meu tio avô Chico Bezerra. Estórias que me deleitavam, ao ponto de adormecer. Era o orgasmo da alma infantil.

O autor resolveu com sua enxada caneta, o solo fértil do passado — a história — de onde germinaram as sementes da saudade, crescendo e frutificando — o livro.

Na pintura — bico de pena — fez sua alma passear nas velhas ruas, onde hoje somente existe a saudade, nas ruas por onde passaram seus antepassados, nos caminhos do trabalho, nos caminhos das dores e das alegrias, mas principalmente nos caminhos que iam à casa de Deus, na Fé, que lhe foi transmitida por seus Pais, e a mesma Fé, que o levou a acreditar na sua cura.

Eis porque o autor lembrou-se e acreditou em mim pelo Acari, “Pedaco de Chão, pedaco de céu, pedaco de mim”, como diz Tânia Galvão.

Ulisses Bezerra Potiguar

Em, 21.06.92

RAZÕES DESTES ESCRITOS

Com a perda da voz, limito-me a meditar, orar e escrever...

Pretendia apresentar este trabalho com temas que se referissem ao meu Acarí.

Para tanto, focalizaria as belezas da cidade, a hospitalidade de seus moradores, a devoção dos filhos pela mãe padroeira, os tipos populares, as grandes figuras de ontem e de hoje e, enfim, tudo que ali existe e que só nos enche de orgulho.

Procuraria tudo fazer, de corpo e alma para, humildemente, colocá-la em destaque no rol das cidades mais acolhedoras do rincão potiguar.

Não me foi possível, porém. Parei.

Fui forçado a suspender minhas atividades para entregando-me a Deus e a integrantes do mundo médico, lutar pela debelação do mal que furtiva e disfarçadamente, em mim se instalara.

Foram momentos de incertezas e apreensões ao submeter-me a uma bateria de exames, que, concluídos indicado foi o caminho: ficar à disposição dos operários da medicina para afastar o terror do mal cancerígeno, após delicada cirurgia.

Setenta e duas horas depois, estava eu tranquilo e em paz, rodeado de familiares e de alguns amigos diletos...

Resta-me, contar-lhes o que senti, ao palmilhar o abençoado caminho da recuperação.

Neste trabalho, misturam-se a alegria de cantar a minha terra e a de sentir-me são e salvo. O mal que tentou derrubar-me não vitoriou e, com muita fé e cheio de esperança permanecerei mais algum tempo com vida para dar graças Àquele que conduz o destino dos insignificantes moradores deste mundo de impreviões...

Não sei se continuarei a escrever mas, se o fizer, é para dizer ao que se sentir diante do mal, seja ele qual for: não se desespere, não se irrite, não se acabrunhe...

Sorria, tranquilize-se e peça a proteção divina. Cristo, o Salvador, indicar-lhe-á o caminho a seguir....

Bianor Medeiros

FESTA DE N.SENHORA DA GUIA

Acarí, minha cidade mãe. Não é fácil cantá-la em prosa ou verso, tantas são as suas belezas e seus valores.

Encravaram-na entre majestosas serras. Por isso, o Prof. Arnaldo Azevedo, seu filho por adoção, poeticamente as viu como sua moldura.

Beijada pelas águas do Rio Acauã que de longe vem e após transpor a belíssima Gargalheiras alimenta, constantemente, o tradicional Poço do Felipe.

Era ele, outrora, ponto de descanso e abastecimento dos exploradores nômades que crivavam de norte a sul o velho Seridó, em busca de assentada de suas fazendas de gado.

Você nasceu à sua margem direita e seus filhos ergueram a Igrejinha do Rosário com um cemitério aos fundos. Muitos desses fundadores alí estão em cinzas...

Muito você tem para ser admirado: a velha ponte, a estreita avenida, o mercado quase secular, a arborização da rua da Matriz, o velho grupo escolar onde seus filhos sorveram os primeiros ensinamentos...

Com o passar dos anos foi você se transformando e hoje, apesar de cidade das mais antigas do Seridó, enfeita-se com roupagem de uma viçosa adolescente, graças ao zelo dos seus filhos e moradores.

Suas ruas são limpas e sua praça assemelha-se ao sorriso franco de uma criança.

A vetusta e antiga sede da Intendência abrigando também a Cadeia Pública, hoje tombada pelo Patrimônio Histórico, tem suas paredes e grades como que representando a força do velho sertanejo que sempre enfrentou as dificuldades por mais arrasadoras que fossem.

Seu forte, porém, parece-me ser a fé dos seus filhos, amantes e devotos fervorosos da veneranda mãe: Nossa Senhora da Guia.

E todos os anos, como agora, lá vêm eles das mais distantes regiões para, juntos aos permanentes, homenagearem a Augusta Padroeira e Mãe Santíssima... no templo ou na rua, nas novenas ou na procissão de encerramento quando após prestarem as homenagens merecidas despendem-se sem ter a certeza de retornar no ano vindouro.

Se vivos... estarão de volta! Se mortos, outros os sucederão!...

PASSADO DISTANTE...

Olhai para o passado, se vos não
quereis enganar com o presente.

(Pe. A. Vieira)

Recebo de João Batista e Silva, nosso querido professor Joãozinho, um dos mais expressivos varões de minha terra, espelho de retidão e honradez, esposo e pai amantíssimo, um bellissimo presente, de grande valia e que, pelo cunho histórico que apresenta, merece conhecimento dos filhos da nossa terra. Trata-se de crônicas escritas por Francisco Zabulon da Silva, carinhosa e afetivamente alcunhado de PUCUTA e, por ele mesmo lidas na difusora local nos idos de 1961, no programa HORA DA SAUDADE.

São assuntos que tratam de fatos que, à época, revolucionaram a terrinha, nesse tempo bem mais calma e tranquila. São interessantíssimos e levam os acarienses a mergulharem num profundo passado... Poucos, porém, relembraão.

ZABULON, cheguei a conhecê-lo quando menino.

Era um moreno simpático, altamente comunicativo e, para um autodidata, detentor de uma cultura humanística incomum. Não sei da razão por que deixou o Acari e fixou-se em Baixa-Verde, hoje João Câmara, onde faleceu há alguns anos, segundo me informaram.

Vamos, portanto, às suas crônicas e descubramos curiosidades maravilhosas.

Uma delas, por exemplo, é a alusão feita a José Galvão (o querido Zé Moleque) o único ainda vivo, parece-me e que segundo Genilson (grande figura) ainda toma uma “lapadinha” de cana para abrir o apetite antes do almoço, todos os dias, quer chova ou faça sol. Os outros citados por Pucuta, devem, espero, estar sentados ao lado direito do Pai, Todo Poderoso.

Vai, a grande maioria dos acarienses, conhecer os fatos narrados, poucos, porém, os relembraão pois o poder do tempo tudo muda, tudo acaba...

HORA DA SAUDADE!... (1) CONSTRUÇÃO DO GARGALHEIRAS

Saudade dos tempos que já vão longe!

Corria o ano de 1912. O nosso amado Acari seguia o seu ritmo de gleba sertaneja.

O projeto da construção do açude Gargalheiras, graças ao prestígio da bancada norte-rio-grandense no Congresso Nacional, tinha sido aprovado. O Governo da União resolvera contratar os serviços da vultosa obra com uma figura construtora da Terra de Iracema, “a virgem dos lábios de mel.” Era a organização riquíssima S.A. SABÓIA & CIA., sediada em Fortaleza, capital do Ceará, mantendo escritórios de representações em outras metrópoles, inclusive no Rio de Janeiro.

Iniciaram-se os trabalhos da grande construção.

O Estado do Ceará sofreu o êxodo de muitos de seus filhos, que para aqui vieram atraídos pela facilidade do ganha-pão cotidiano.

Sem querer citar outros nomes de cearenses que vieram trabalhar em Gargalheiras, menciono apenas um, que serve de paradigma: Mestre Domingos Silva que aclimado em nosso meio, casou-se e constituiu família, não mais retornando à sua alencarina terra natal. Residindo entre nós há quase 50 anos, ele bem merecia ser agraciado com o título honorífico de — CIDADÃO ACARIENSE — condecoração muito em praxe nos dias que correm.

A construção do açude Gargalheiras continuava atraindo os alencarinos.

A firma S.A. SABÓIA & CIA. manda como seu representante, um descendente do sócio-chefe da organização. Era o Sr. Vicente Sabóia Filho - o Saboinha - muito nosso conhecido que, igualmente, aqui se radicou, casando-se nesta cidade. Ele demonstrou uma coragem indômita; mostrou ser, de fato um nordestino de fibra. Não se pensava ainda em ver aeroplanos; os letrados da época sabiam apenas que o nosso valoroso coestaduano AUGUSTO SEVERO tinha morrido, em Paris, em consequência de um acidente de balão aéreo. Pois bem, Nesse tempo, o Sr. Saboinha já passava pelo espaço. Dentro de uma caçamba de ferro pendurada a uma grosso cabo de aço, presa a um roldana, esse cearense desassombrado atravessava de um a outro serrote do açude Gargalheiras. Era uma façanha que a todo mundo causava admiração. Muita gente fechava os olhos, para não ver semelhante proeza. As pessoas de sistema nervoso perfeito gostavam de presenciar essas sensacionais peripecias, às vezes, aplaudindo-as com palmas, como se aplaude um soldado por ato de bravura.

Muito posteriormente, foi que o carioca passou a transitar para o Pão de Açúcar num bondezinho movido a eletricidade.

Nós acarienses fomos os primeiros, os primitivos e os pioneiros na observação de transporte aéreos.

HORA DA SAUDADE!... (2) O PRIMEIRO AUTOMÓVEL

Hora retrospectiva que nos fala das coisas velhas e interessantes da nossa privilegiada terra, inebriando-nos com o suave aroma que ainda se desprende do relicário inestimável das nossas belas tradições, onde se guardam as pétalas murchas das nossas flores prediletas: - A saudade e o amor-perfeito!

Ninguém em Acari tinha um automóvel. As pessoas mais velhas somente conheciam a liteira, que também cheguei a ver, pertencente à Dona Silvina Lamar-

tine e herdada de sua mãe - Dona Maricóta Bezerra primeira esposa do Cel. Silvino Bezerra.

Nessa liteira, puxada por dois cavalos garbosos, Dona Silvina (Lamartine), montada aristocraticamente, viajava da fazenda Ingá a Macaíba, de cuja cidade se transportava em embarcações para Natal, porque, naquela época, não havia pontes no pequeno trajeto ligando à nossa capital.

Também os moços, apenas conheciam os carros de boi com que o finado João Celestino de Medeiros construía açudes de paredes de barro.

Esses carros vinham do sítio Belém e atravessavam as nossas ruas cantarolando com tanta magia, que ainda hoje quando ouço o cantarolar de um carro de boi, lembro-me, saudosamente, da minha meninice. Eles se destinavam aos sítios e fazendas.

Então, eu, José Pequeno, João Sampaio, Horácio Feliciano, Felix do velho Lourenço, José Galvão, Sebastião Carvalho (Biête), Augusto de João Antonio, Francisco Galvão, Severino Barroso, Chico Felipe, Antônio Ferino, Esequiel Guiné, Antônio Honorato e outros, ao ouvirmos o som dos primitivos veículos, corriamos a apanhá-los, e, subindo, iam até muito longe, só pelo prazer de andar suspenso do chão, embora o regresso tivesse de ser a pé.

Eis que um dia ao cair da tarde, quase à hora do lusco-fusco, um acontecimento de imensa repercussão abalava a curiosidade do povo acariense.

Surpresa sensacional! Admiração incontida! Espanto extraordinário! Alegria exuberante! Tudo isso sucedia porque, pela primeira vez, na terra que ouviu os nossos vagidos de criança, entrava um automóvel!...

Era o Dr. Parisot, Engenheiro-Chefe da Inspetoria de Obras Contra as Secas que, em inspeção aos serviços do açude Gargalheiras, surpreendia os acarienses, gozando as delícias de viajar num veículo de cor preta, pequeno, mas movido a gasolina.

A minha querida e sempre lembrada mamãe, à noite do mesmo dia, olhando para cima, como era seu costume, comentava o expressivo ocorrido, em conversa com sua comadre muito amiga - Matilde, esposa de Manoel Felipe - improvisando-se logo um ligeiro diálogo:

“Cumadre, você viu? nós estamos no fim do mundo! após não vi um carro, trazendo um dotôr, qui não precisa ser puxado! Eu não vii, porque estava ocupada, cuidando da janta. Mas, Inucenço foi ver e me dice que o bicho corre tanto qui parece um cachorro ameaçado de doença. E qui tem uns óios de fogo qui inté parece com os óios de uma raposa no escuro. Credo!... Isso só pode ser obra do Catôco,

Após não é, cumade Nana, respondeu a velha Matilde, êsse bicho preto, andando sozinho, não é outra coisa sinão a bêsta fera que meu Padim Cirço do Juazeiro diz qui tinha de aparecer e a gente tinha qui ver. Dissero, cumade Nana, qui êssa invenção do Sapiríco ainda vem aqui. Se ele vier, nós vamo ver de bem pertinho”.

Lembranças do passado!... Saudades - flores transformadas em pó pela ação destruidora do tempo!.

HORA DA SAUDADE (3) INAUGURAÇÃO DO TELÉGRAFO

HORA DA SAUDADE!...

Saudade de tudo e de todos os momentos felizes que se imergiram nas brumas do passado!

A cidade de Acari, há tanto tempo tendo conseguido a sua autonomia político-administrativa, ainda não contava com um serviço telegráfico, que inúmeros benefícios poderia trazer ao seu povo.

Chegou o ano de 1915 e com ele veio um abençoado surto de progresso para todos os acarienses.

Inaugurou-se a Estação Telegráfica.

Satisfação imensa da coletividade. Concretizado estava um desejo, há muito alimentado. Efetiva se tornava uma velha aspiração. No dia da inauguração, houve discursos, flores, palmas e bebedeiras. Todo mundo vibrou de alegria. Acari podia d'agora em diante, considerar-se uma cidade civilizada. Os telegramas eram transmitidos em quantidade em todos os horários. O aparelho Morse não cessava de bater, transmitindo e recebendo mensagens congratulatórias.

O telegrafista, o primeiro em Acari, Olívio Caldas, atendia aos interessados com sua peculiar distinção.

Só um pedido ele não pode atender a contento da interessada.

Foi quando uma senhora da sociedade acariense lhe pediu para mandar pelo Telégrafo, uma cesta de ovos, destinada a Natal.

Essa não!...

Esse pedido deixava de ser uma ingenuidade, para se tornar numa grande imbecilidade.

O telégrafo aumentou o folclore acariense.

Negociava em Currais Novos, com filial em Acari, o velho Manoel Aleixo. Aqui, era seu empregado de confiança, o Sr. Silvestre José, que ainda presta seus bons serviços à Congregação Mariana da Igreja de São Pedro, no Alecrim.

Uma tarde, Silvestre recebeu o seguinte telegrama:

“Manoel Aleixo faliu venha urgente”.

A preta Rosária, morando por detrás da Matriz, ali onde atualmente fica a residência de Sebastião Moura, um pouco ao lado direito, viera comprar meia garrafa de querosene e no momento era lido o aviso telegráfico. Rosária, ou porque não entendeu bem o teor do telegrama, ou porque pensava que “faliu” significava “falecer”, espalhou pela cidade que Manoel Aleixo havia morrido.

Que pena não causou a pseudomorte do comerciante tão querido em nossos meios sociais!

DEUS se lembra da sua alma, diziam alguns amigos do extinto.

Tão bom e morrer! lamentavam outros.

Que DEUS lhe dê o reino dos Céus por descanso, era a súplica de todos.

Mas o velho Manoel Aleixo estava vivo e são na cidade de Currais Novos.

Engano de Rosária, que a história registrou no calendário acariense.

HORA DA SAUDADE!... (4) DEDICATÓRIA DO AUTOR

Hora de emoções sucessivas, como, ao recordar o tempo da mocidade, que vai longe, sucessivas são as desilusões!

E assim como as emoções e as desilusões se sucedem, também, paulatinamente, se sucedem as gerações. Foi para as gerações novas da minha amada terra que, cordialmente, rabisquei algo sobre o nosso velho e estremecido ACARI!...

Essas crônicas têm a seguinte dedicatória:

“Ao amigo de todos os tempos — João Batista e Silva, Oferece o autor.

João Câmara, 30/10/61

MEU AGRADECIMENTO, por Joãozinho:

Coisas do passado... quanta beleza.

Obrigado, PUCUTA...

Embora seja esforço de somenos importância, uma coisa, pelo menos estamos comprovando: estamos enaltecendo nossa terra e felizes somos por fazê-lo por palavras escritas pois estas, não como as orais, permanecem para sempre...

“Verba volant, scripta, manent”

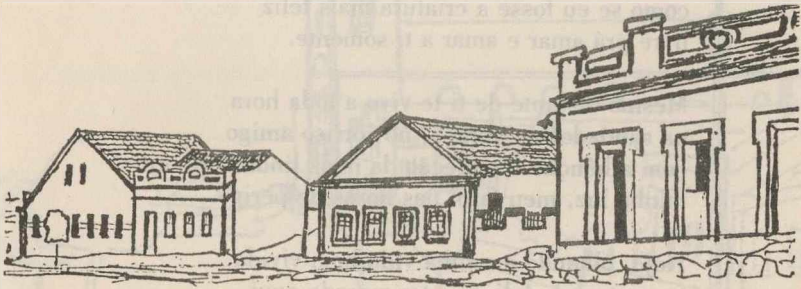
ACARI E EU

É num dia qualquer eu me encontro aqui
respirando o teu ar, pensando a seus quentes
sob um céu azul e mais azul que eu vi
e aí já te olhava apaixonadamente

Te amei, criança, quando outra criança amei,
quando tua paixão era linda e tinha vida
lá corria, brincava, vivi e até cansei,
e me senti a menina mais querida.

Te amei, jovem, como jovem te achava,
nas ruas largas, nos becos mais estreitos,
na brisa morna que os meus sonhos embalava
e os torresões não teais, quase perfetos.

Te amei, mulher, quando mulher me fiz
grande, total, inteira, consciente.



Acari, há algumas décadas atrás...

Trecho de, também, grande transformação... A casa do Cel. Santa Rosa, a casa Paroquial, a bomba de gasolina e a esquina cujo casarão foi demolido...

ACARI E EU

E num dia qualquer eu me encontrei aqui
respirando o teu ar, pisando a areia quente
sob um céu azul o mais azul que eu vi
e aí já te olhava apaixonadamente

Te amei, criança, quando outra criança amei,
quando tua praça era linda e tinha vida
lá corri, brinquei, vivi e até cantei
e me senti a menina mais querida.

Te amei, jovem, como jovem te achava
nas ruas largas, nos becos mais estreitos,
na brisa morna que os meus sonhos embalava
e os tornavam tão reais, quase perfeitos.

Te amei, mulher, quando mulher me fiz
grande, total, inteira, consciente
como se eu fosse a criatura mais feliz
livre prá amar e amar a ti somente.

Mesmo distante de ti te vivo a toda hora
na saudade, no abraço, no sorriso amigo
com a bênção e proteção da mais linda Senhora
minha luz, meu farol nas horas de perigo.

Hoje, olhando a minha vida bem vivida
te contemplo feliz por ter morado aqui
explodindo no peito uma alegria incontida
cada vez que à casa volto prá te rever, Acari...

1984

Pedaço de chão, pedaço de céu, pedaço de mim.
Com um abraço bem seridoense,
Tânia Galvão

GARGALHEIRAS

A mulher, para mim, já é uma poesia. Como não sei cantar o meu Acari, em versos, transcrevo, como se meus fossem, a beleza mística e poética de uma das mais autênticas namoradas da terra mãe.

“Imenso lago azul de mansas águas
mágico espelho a refletir saudade
coração aberto, sangrando, chora mágoas
serpenteando o corpo em busca da cidade.

Cada vez que te vejo, maior é a emoção
viro criança, moleca, grito de alegria,
esqueço o mundo e te entregando o coração
canto um lamento. Quase idolatria!

Mirando-te daqui, diante da beleza
penso que Deus, prá 'enfeitar a natureza
deixou cair desordenadamente

pedras e pedras que fizeram o teu caminho
onde te deitas, lindo, cheio de carinho
e te espreguiças, feliz, morno e indolente...”

26/06/87

Querido Bianor:

Gargalheiras também é um pedaço do Acari, tão meu quanto seu.
Depois de uma visita à nossa terra, num momento maior de saudade.

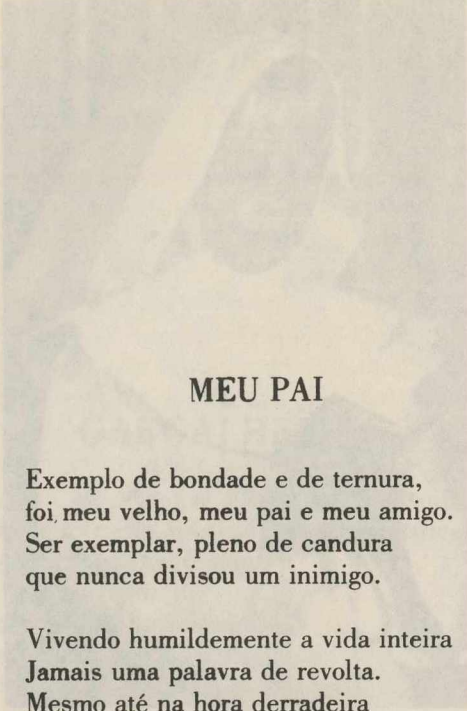
Tânia Galvão.



KÁTIA, MINHA FILHA, MINHA SANTA...

(De 1º/9/57 a 29/9/67)

No meu lar, de paz e bom,
nasceu uma rosa perfumada
em forma humana.
Era pura e meiga
como as flores do campo
e carregava a luz em seu próprio nome.
No fundo do seu peito de criança
palpitava um coração ardente como o sol
e grande como o universo.
Das suas mãos caíram a semente
do amor, da candura e da paz.
Era um anjo. O céu se abriu.
Kátia entrou cantando.
Partira... Não mais voltou...
Hoje a luz ilumina a luz
e ela mora ao lado de JESUS...



MEU PAI

Exemplo de bondade e de ternura,
foi meu velho, meu pai e meu amigo.
Ser exemplar, pleno de candura
que nunca divisou um inimigo.

Vivendo humildemente a vida inteira
Jamais uma palavra de revolta.
Mesmo até na hora derradeira
Um gemido, sequer, seu corpo solta.

Tranquilo e calmo, de olhos para Deus,
talvez pedindo pelos filhos seus
ingressa na mansão celestial...

Seguir seus passos, os caminhos seus
em busca da ventura lá dos céus,
será um bem. Não poderá ser mal.

22.09.1984

A LINGUAGEM DAS COISAS

- Volto à terra mãe
para rever pessoas, coisas e paisagens
e delas receber mensagens...
É andança sentimental.
Paro. Pergunto: Quem és?
- Sou a origem da cidade...
Comigo se plantou o símbolo da fé,
Da esperança e da caridade...
Acolho alguns daqueles que me erguerem
e hoje moram na eternidade...
Fui e sou casa de oração
e guardo com carinho no meu chão,
Uma boa parte da cidade...
De preces sempre fui depositária.
Sou templo: a igrejinha do Rosário...

Vou mais um pouco: Quem és?
Ah... represento a resistência
Fui sede da Intendência...
hoje, abrigo os malfeitores
que da lei se fizeram transgressores...
Sou casa de correção,
prá todos que nesta terra
mereçam expiação.

Mais à frente: Quem és?
Serei sempre a morada da saudade,
onde há paz, silêncio e muitas flores
Sou a porta da eternidade,
do Reino dos esplendores.
Sou o abrigo comum
que não divisa cores...
Branco, preto, rico ou pobre
a todos o meu chão cobre...
chegando de um a um...
É sentença, é veredicto:
Sou um lugar, uma guarida,
pra todos que deixem a vida
Em busca do Infinito...

— Volta à terra mãe
para rever pessoas, coisas e paisagens
e delas receber mensagens...
É andança sentimental.
Para Portugal: Quem és?

— Sou a origem da cidade.
Comigo se plantou o símbolo da fé.
Da esperança e da caridade.
Achoio alguns daqueles que me existiram
e hoje moram na eternidade.
Fui e sou casa de oração.
e guarido com carinho no meu altar.

DESEJO DO BARNABÉ

Sexta-feira, fim de expediente...
Abaixo o relógio... nada de sapatos...
Pendure-se a gravata...

Que venham: roupa velha desbotada,
uma rede branca e bem cheirosa,
com brisa de uma praia ensolarada
e nela uma coisa bem gostosa...

ÁRVORES INESQUECÍVEIS

Acari para mim é uma cidade de árvores que se foram. Na Rua da matriz, sem calçamento e desalinhada de um lado, com lajedos à flor da terra, havia um pé de cajarana, bem em frente à casa de Silvino Balá. Acho que vi, na vida, somente duas dessas árvores; a outra ficava quase na calçada de D^a Cetinha, na rua do Pontilhão.

Árvore de fruto de casca caspenta, tipo lixa, de miolo excessivamente amargo e de cor amarelo queimado, com grande carôço vidrento que, friccionado no cimento das calçadas, servia para queimar os colegas de molecagem.

Ornamentando a casa de Piano Pereira quatro “*ficus benjamins*” frondosos sombreavam a metade da rua e sempre abrigava casais de namorados. Num deles, havia o desenho de um coração transpassado por uma seta.

Os tamarindeiros de D^a Bembém, na hoje Praça Silvino Bezerra, dava sombra às várias bancas onde os feirantes se serviam de café com bolo, aluá, refrescos e ligeiras refeições, sendo porém, nos dias úteis ponto de reunião da meninada. Convivi com esses tamarindeiros em toda a sua intimidade, doçura, gestos, reentrâncias de cada galho. Passei, tardes acastelado nas copas dessas árvores, hoje mortas...

Visitei muitas vezes uma mangueira que havia nos fundos da oficina de Antonio Zuca, na Rua do Rio, onde dezenas de pássaros cantadores vinham banhar-se, beber e comer o que lhes era dado pelo dono do quintal.

É uma feliz lembrança que tenho de quem criava pássaros em plena liberdade, para sob o maviosidade do canto de cada um, dar alguns cochilos após o almoço.

É bem verdade que o corte dessas árvores deveu-se à necessidade de planos de urbanização ditados pelo progresso.

Minha cidade é, hoje, bem arborizada, mas essas árvores antigas, embora poucas e esparsas de minha infância e juventude, não me saem da lembrança.

Eram, algumas, amigas de noites de devastação adolescente e sempre associadas aos “*ficus*” fronteiriços às casas que abrigavam um amor, às vezes proibido, a quem os seresteiros dedicávamos nossas mensagens de afeto...

Assim, nada mais importante numa cidade que suas praças, suas árvores e seus jardins floridos por ser, tudo isso, fonte de recordação das coisas boas da idade venturosa de sonhos que se foi ou que se vai, inexoravelmente...

Uma árvore como a canção, sempre lembra um amor de ontem, que vingou ou que morreu...

CURTAS; NÃO SEI, PORÉM, SE BOAS.

Estes fatos verídicos são destinados aos acarienses que conheçam bem os personagens citados. São pessoas boníssimas e todas dotadas de uma dosagem de espirtualidade espantosa. São queridos e altamente estimados por seus conterrâneos. Inteligentes e boêmios, levam a vida a espargir o humor, tão necessário nos dias de hoje, de tormentas e instabilidade, de fome e discriminação, de roubalheira acobertada pelos governantes, de insegurança, de abandono, de salário de fome para a grande maioria...

Enquanto isso, congressistas inescrupulosos ganham o que querem, conhecem o mundo todo por conta do povo e, ainda recebem uma aposentadoria fabulosa pelos desserviços prestados.

É, como diz o Boris Casoi, uma V E R G O N H A.

Mas, vamos ver se, ainda, podemos RIR...

RAIMUNDO MOURA (1)

R.B de Moura, o poeta popular acariense, como se auto denomina, aboletara-se na Praça Pe. João Maria e inflamado vendia o folheto sobre o Nascimento, Vida e Morte do santo vigário. Era dia de pagamento para os aposentados do FUNRURAL pelo Banco do Nordeste, vizinho à praça.

Dirigia-me para a antiga Catedral e, vendo-o, parei, ao lado, para mais uma vez assistir ao espetáculo de versatilidade que o mesmo oferecia.

Notando que eu o observava e olhando para o lado oposto ao que eu me encontrava, enfaticamente disparou:

“Eu passei a semana passada em Acará e o Dr. Bianor de Da. Maria Celsa comprou CEM folhetos destes para dar aos amigos porque quem ler esta história fica feliz igual a um passarinho cantador. Mas quem não compra (dirigia-se aos aposentados), ficam tristes como um capão empapado e sem cantar como um caboré, como um rasga-mortalha, um anum branco ou um papa-sêbo...

Mas, quem compra fica como um “craúna”, um galo de campina açoitador, um canário “estralador” e um coneriz cantador do Hino Nacioná...”

Depois, me disse ao ouvido:

“Com essa conversa mole, já vendi mais de cinquenta foiêtos a esse magote de papangú”.

Vivo prá burro, não?

RAIMUNDO MOURA (2)

Num dos dias da festa da Padroeira subíamos, eu e Aristóteles, a rua da matriz quando o encontramos sentado em um banco à frente da casa de Zé Braz, e entabolamos o papo. Chega, silenciosa e repentinamente o Barnabé, Oficial de Justiça aposentado e ele nos revela:

“Esse foi o Oficial de Justiça que quase “séca” as pernas carregando água para eu beber no juri que eu fiz, como advogado de Joca que matou a mulher”...

E eu, com curiosidade: e o resultado?

— Ele, com ar de quem é exímio conhecedor dos recursos jurídicos e macetes profissionais:

“Absolvido, porque eu recusei MANOEL LÚCIO e MARIA AMÉLIA DE OLIVEIRA e, além disso, o Juiz era o Dr. Mário e o Promotor o Dr. Amauri, todos daqui... (quís remendar)!”

RAIMUNDO MOURA (3)

Está ele no Bar de Eliseu, quando adentra, chumbado todo, o pequeno grande PETI e se senta ao seu lado. Começam a conversar, pois há muito não se viam e Peti enveredou para o lado da política, mas para dizer, enfaticamente:

“Não sou político... não puxei ao meu pai”.

Raimundo, com ar professoral:

Está tudo certo... Você não podia puxar seu pai, por dois motivos:

Primeiro, porque ele não era cego e, segundo, porque quem puxa cego é filho de pobre”...

Que tem uma coisa com a outra? pergunto eu...

CHICÃO (1)

É um boa vida... filósofo a seu modo, caladão e piadista. Exótico, às vezes. Não liga para a indumentária e vive a perquirir sobre a vida dos outros para propagar aos quatro cantos, quando têm esses qualquer anormalidade. Gozador e, às vezes, debochado. Certo dia estava ele, como sempre o faz, sentado aos pés da estátua do Cel. Silvino Bezerra, na praça do mesmo nome, e, para alguns presentes, pontificou:

“quem manda no mundo é Deus... mas o Diabo vive querendo acabar com ele, por meio de três coisas: Homem valente, dinheiro e muié bonita. A muié bonita é a pior delas porque domina o homem valente e acaba tomando o seu dinheiro...”

Será que o nosso argumentador tem base para defender o seu decisivo conceito?

CHICÃO (2)

De outra feita, falava do seu tempo de jovem. Não havia a carestia de hoje. Contou, para exemplificar o seguinte “causo”, passado há alguns anos:

“Eu fui para a festa de Currais Novos com oitenta mil reis no bolso e passei três dias com uma mulher, bebendo cerveja e comendo do bom e do melhor... Hoje você não faz isso...”

Se for com 1 milhão para a festa de Cruzeta, faz como João Sampaio e Mané Sêbo que alizaram num dia e voltaram prá cá a pé, “por dentro e comendo juá”... com os pés cheios de queimaduras das pedras quentes...”

“E ainda disseram que a festa estava muito boa...” arrematou todo contrariado com o custo de vida, mas gozando o azar dos amigos...

O AVARENTO

Bicho avarento era José Cipriano. Era dono de um pequeno sítio e uma casa na rua. Sempre se queixava de que em virtude de ser pobre, ainda terminaria num abrigo de velhos.

Emprestava dinheiro a juros e seu sitiozinho próximo à cidade, era um pomar cujos frutos vendia-os na feira semanal.

Juntando esses apurados aos juros que recebia da agiotagem, era um solteirão financeiramente folgado. Tão amarrado, porém, que, quando dava uma fugida à noite, era para pechinchar nas zonas da cidade. Todo mundo batia a porta na sua cara. Não casava porque receiava que a mulher tomase o seu dinheiro...

Um dia ele conseguiu levar uns sobrinhos para o sitiozinho com promessa de muitas brincadeiras. Só que, ao chegar, os meninos tiveram que cortar capim, pregar madeiras na cerca e, até mesmo dar banho em alguns porcos que criava. No dia seguinte, mandou que os meninos fossem tirar manga. Todos ficaram felizes, mas houve um detalhe: os garotos deveriam subir nas mangueiras assobiando sem parar... Ele não queria que chupassem um fruto, sequer. Na verdade, seu objetivo era ter trabalhadores de graça e continuar sua sovínice sem maiores preocupações.

Dizem que quando morreu foi uma tristeza para a cidade porque, praticamente, acabou a graça...

Dizem também, que ele morreu porque escondeu um dinheiro embaixo do colchão velho de capim e quando foi pegá-lo para emprestar a juros de 40%, o rato tinha comido quase todas as notas.

O coração de Zé não aguentou e ele PIFOU...

E o povo da cidade ainda garante que ele, com o último suspiro, ainda apagou o cotoco de vela, para economizar...

No meu Acarí, havia um cara igual a este.

Só que tinha outro nome!

O ORADOR INFLAMADO

Zé Ananias sempre foi a figura mais popular do Acarí...

Notabilizou-se pelos pileques matinais, vespertinos e noturnos diariamente.

Parou quando as pernas fraquejaram.

Sua mania era, no auge do porre, fazer discursos ou cantar. Suas músicas prediletas: o hino de Nossa Senhora da Guia ou a valsa “eu sempre fui feliz vivendo só sem teu amor”...

Era maneta. Quando se entusiasmava ao discursar, levantava não só o braço direito, como também o “cotôco” do braço esquerdo.

Certa vez, estava a fazer um dos seus quilométricos discursos quando me avistou acompanhado de Domício Ramalho (de saudosa memória), por quem tinha grande afeição.

E não contou estória: “Ali está o Dr. Bianor Medeiros e o Jornalista Domício Ramalho, filhos do Acarí e que moram em Natal.

Vieram pra festa de Nossa Senhora da Guia... eles são grandes homens...” (e lá vão confetes).

Zé Armando, figura conhecida no Acarí pelas piadas e prezepadas que sempre urdiu, acostou-se a Zé Ananias e disse uma “coisa” ao seu ouvido.

O orador não perdeu o “tom da reza” e bradou em tom protestativo:

“Nem o Dr. Bianor nem o Jornalista Domício “é fresco”, você é que é um filho da égua.”

E prosseguiu com o interminável discurso.

PS. — *Zé Ananias, Domício e José Armando já se encontram no mundo da eternidade... e, para nós, resta pedir por eles, com preces e mais preces...*

O APOSENTADO

Manoel de seu Mário viveu muitíssimos anos na casa do telegrafista rural Mário Gonçalves de Medeiros e Dona Porfíria Pires de Medeiros, pais de pessoas queridas como José Gonçalves, Paulo Medeiros, Genival, Humberto, Pedro, Amariuri, Toinho, Nair, e Odete.

Era Manoel, um doméstico que tinha por tarefa efetuar o suprimento d'água da casa, nesse tempo feito em barrís e no lombo de jumentos.

A família saiu do Acarí. Transferiu-se para Recife e ele, após passar algum tempo na Veneza Brasileira, voltou para residir na casa de Nair, com quem se casara Adalberto Braz.

Surgiu, então, a Lei concessiva de aposentadoria, conhecida como Lei dos Velhos, e contemplaram-no como um dos seus beneficiários.

A primeira coisa a fazer com os proventos recebidos:

Comprar um radiozinho de pilhas.

Ninguém o encontrava, sem que o bichinho não lhe estivesse colado ao ouvido.

Certa vez, na fazenda, Adalberto ordenou:

— Manoel, como você não está fazendo nada, vá ajeitar aquela cerca do quintal, já que as varas estão muito espaçadas.

— E Manoel, com o rádio no ouvido, respondeu:

— Padrinho Adalberto, seu Patrício do Cartório disse que o aposentado que trabalha perde a aposentadoria...

Era o besta...

O Cachorro Boêmio

Ernesto Galvão quase na rua do Rio. Raramente saía de casa.

Possuía, porém, um cachorro velho que vivia rua acima rua abaixo visitando, diariamente, todas as bodegas e bares da cidade.

Era frequêns do bar de Zé Nunes. Ali era ponto de encontro de Aguinaldo de seu André com outros amantes do pau e corda. Aguinaldo era um bom bandolinista e sempre estava acompanhado de Antônio Nunes que não ficava atrás no cavaquinho além de bons violonistas, como Zé Guiné (filho) que chegou a pertencer ao "cast" da Rádio Tabajara e Benedito cantor de 1ª linha, assassinado tempos depois, na cidade de São Vicente. Tocava-se e bebia-se às pampas e os tira gostos do bar eram maravilhosos...

O cachorro de seu Ernesto era presença certa. Ali sempre ia, não se sabendo se em busca do tira gostos ou para sentir saudade de alguma cadela nova e vadia por quem tenha apaixonado quando moço, já que estava velho, sujo e rabujento...

O fato é que quando ouvia uma bela melodia, uivava que "só a peste"...

Certa feita, estava tão pesaroso que os uivos fortes e contínuos incomodavam os seresteiros.

Aguinaldo, espirituoso e boêmio, para livrar-se do infeliz e agourento companheiro, pegou sua "lapada" de cana e jogou-a no "bola sete" do intruso, que, ao sentir o ardor da cachaça, disparou rua a fora esfregando os "quartos" na areia (nesse tempo não havia calçamento) e desapareceu.

Continuou, porém, andando pela rua sem todavia cruzar as portas do Bar de Zé Nunes.

Por onde passasse, se alguém lhe mostrasse um copo de vidro, etc, em disparada, corria em busca da casa do patrão...

Cachaça entra bem apenas pela boca... é o que se deduz...

O GRINGO TEM RAZÃO?

João aproveitou suas férias e foi ao Recife. Seu desejo era conhecer o goleiro MANGA ex-integrante da Seleção Brasileira e que ali estava prestando serviço a um dos times da Mauricéia.

Ali chegando, foi ao seu encontro em companhia de um amigo. O goleiro estava em uma granja afastada da cidade. Sairam, após um papo, para colher algumas frutas. João montava um cavalo MANGA — larga. Atravessaram uma MANGA que levava à cacimba do gado e quando passava por baixo de um pé de MANGA um dos galhos lhe rasgou a MANGA da camisa. Ficou chateado e disse:

Hoje alguém MANGA de mim porque estou de roupa rasgada.

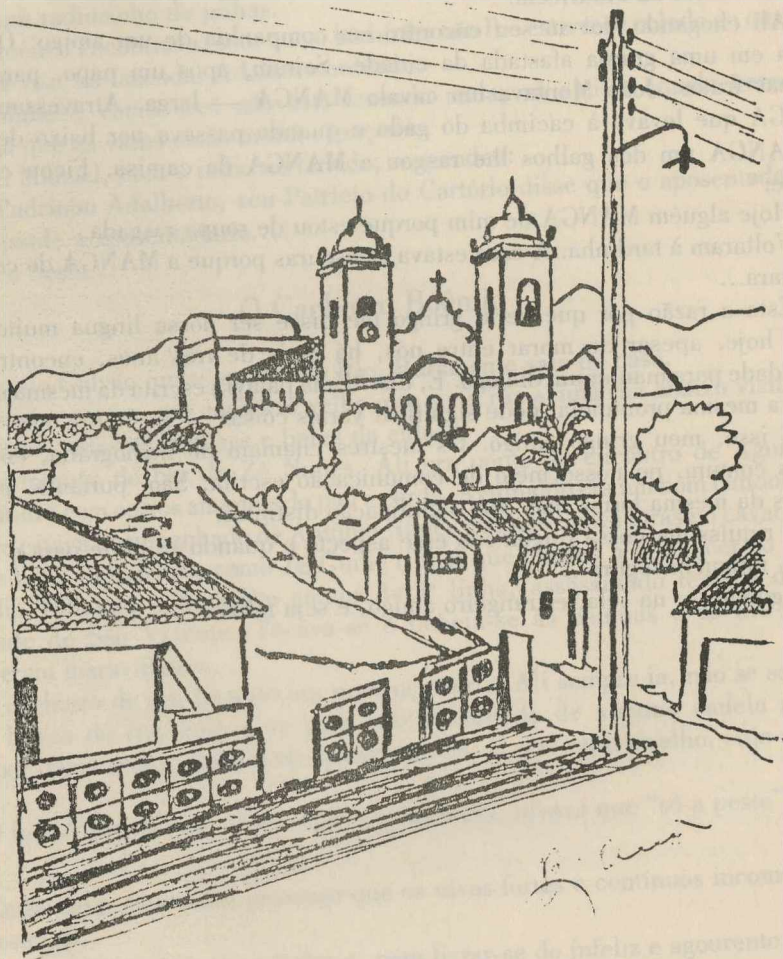
Voltaram à tardinha. A casa estava às escuras porque a MANGA do candieiro rebentara...

Esta a razão por que certo gringo me disse ser nossa língua muito difícil e que hoje, apesar de morar entre nós, há mais de três anos, encontra certa dificuldade para manter um diálogo. E, diz: “Uma palavra escrita da mesma maneira e com a mesma pronúncia, pode significar várias coisas”.

É isso, meu gringo amigo. Os mestres chamam de homografia, coisa por demais comum, no nosso meio de comunicação escrita. São, portanto, palavras escritas da mesma forma mas com significação distintas.

É riquíssima nossa língua sob esse aspecto e quando se parte para o POPULAR... ninguém segura...

Agüente-se na sela, estrangeiro amigo, e seja feliz.



O novo Acarí... Casas construídas há pouco-tempo e após a criação do bairro Ari do Pinho. A Matriz é, aqui, vista da rua Hortêncio de Brito.

A CASA DE MINHA AVÓ

Hoje resolvo viajar mentalmente, com destino ao chão dos primeiros dias da minha infância. E, nesse passeio sem medo, recolho as lembranças que me despertam saudades do tempo que se foi e que os anos não trazem mais, como disse o nosso Cassimiro de Abreu.

A primeira e inexplicável lembrança é da casa de minha avó materna, fincada no pé da serra da Soledade, a, aproximadamente, légua e meia da cidade mãe: o Acari.

Digo de minha avó porque meu Padrinho de batismo, Antonio Pereira de Araújo, seu marido, morreu cedo. Era eu pequeno e, nem sequer, seus traços fisionômicos retive.

A casinha da minha meninice era de taipa, com latada de palha e tinha, apenas, do lado esquerdo, um quarto de tijolo. Ali vivia, em cárcere privado, uma pessoa da família, já madura, por ser louca. Era violenta e inexistia no Estado um hospital psiquiátrico para onde fosse encaminhada a fim de recuperar a saúde. Sei que era uma mulher, mas nunca pude vê-la! Era proibido.

Casinha pequena, mas acolhedora e bem situada no pequeno sítio. Cercada por grandes terreiros que sempre viviam pintados de galinhas e guinés. Nos fundos, um açudeco oferecia banhos formidáveis na época do inverno. Ao lado direito, o curral com cinco ou seis vaquinhas mestiças.

Morada de poucos cômodos: 2 salas, cozinha, três quartos e uma despensa onde se guardavam os mantimentos não perecíveis; os outros eram acomodados num girau cuja cordas de suspensão eram guarnecidas por cacos de cuia ou de barro para evitar a descida dos ratos. Na sala de entrada, três quadros: o Coração de Jesus, o de Maria e Santa Luzia, a protetora dos olhos. Na sala de jantar o quadro da Santa Ceia ou Ceia Larga. Lembro-me da mesa grande, com dois bancos fornidos e pesados. Num dos quartos, sobre um tamborete com assento de couro cru, a almofada de fazer renda; minha avó era exímia artesã, além de quituteira afamada.

Tempos depois, foi a casa reformada. Fizeram-na de tijolo. Lá estive algumas vezes e sempre me lembrei da primeira. E vê-a, como se minha fosse. O tolo que comprou o sítiozinho não a possui, nem a possuirá jamais.

Tudo aquilo, oniricamente, é meu. Vai morrer comigo...

PS — Encontrei-me, há algum tempo, com Agenor Pereira de Araújo. Por ele fiquei sabendo que a pessoa enclausurada no quarto da antiga casa do meu avô, era Thereza Lopes Pereira, sua sogra, e 1ª. mulher de Cipriano Pereira de Araújo. Convém esclarecer que Agenor é a única pessoa que, naquele tempo, morava no sítio vizinho ao do meu avô e que ainda vive... As outras desse tempo ou mudaram-se para outros lugares ou, em grande maioria, já se encontram nas terras do ALÉM...



Obrigado Ataulfo:

Nessa casinha, ainda pequeno, nos idos de trinta, fui igual a você em Mirai: era feliz e não sabia...

Este era o meu mundo, sem planos e preocupações...

A vida era, tão somente, correr atrás das galinhas nos terreiros, montado num cavalo de pau, consertar o curral das vacas de osso, procurar ninhos de canários e rolinhas, jogar com bola de meia e martelar a cabeça com a taboada e a carta de ABC e, às vezes, sentir o Bum-bum esquentar com as palmadas carinhosas da mamãe, por não saber, na ponta da língua a lição determinada no dia anterior, ou, ainda, por ter feito alguma estropolia comum aos meninos “vivos” e cheio de saúde...

À noitinha, após o pedido de “a benção” aos mais velhos... nada mais que cair no fundo da rede e sonhar os sonhos dos meninos.

RELÍQUIAS DA MINHA TERRA

Cada peça de um museu representa uma parcela da memória da sociedade que a produziu. Feliz, portanto, a idéia do Prefeito Municipal, Dr. José Fernandes quando, por Decreto, determinou que tal parcela fosse recuperada. Assim nasceu a casa depositária das belezas do passado. Não devemos identificar nas peças o seu valor material intrínseco ou o seu valor estético, mas sim, o seu valor histórico como traço do processo do tempo-duração.

Um lugar assim, será, realmente, pró-memória e apresenta-se como centro cultural a resgatar a memória histórico-social.

O Museu está instalado na antiga Intendência e Cadeia públicas, edificação tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional e que, com seu belo porte, constitui-se num dos poucos exemplares que restam dos prédios centenários erguidos no Seridó com arquitetura característica do segundo reinado. Sua sobriedade exterior é um convite a transpor suas portas, para por fim à curiosidade que sempre é despertada. Acari entregou à visitação de estudiosos e ao público um museu que é uma documentação viva da cultura do agricultor, do pecuarista, do homem rural, dos seus tipos característicos de vestuários, móveis, vasilhames de cozinha, das cuias de cabaço, dos seus arreios e adornos dos animais.

Merece destaque a cozinha construída no interior do próprio museu, retrato fiel das muitas existentes em casebres de moradores de sítios e fazendas espalhadas pelo sertão, reveladora da criatividade do nordestino que, utilizando na sua fabricação diferentes espécies de material: latas, lâmpadas queimadas e vidros vasios. Daí, fabricam-se os candeeiros ou lamparinas, em alguns lugares chamados de alcoviteiros.

Numa das salas do prédio, um setor destinado ao artesão acariense Zéca Funileiro que, usando folhas de flandres, fabrica copos, candeeiros, ralador de côco, bules, cuscuseiras, marmitas, copos dentados para retirar água de beber armazenadas em jarras de barro e alguns outro apetrechos.

A cozinha seridoense, ou mesmo nordestina integra o museu, na variedade do aproveitamento de madeiras, côco, chifres... São conchas de madeira, colheres de pau de diversos tamanhos, conchas de quengas de côco, pilões, gamelas. Vêem-se, também, tachos de cobre utilizados na fabricação do queijo de manteiga.

As cangalhas, cambitos e caçoás que são colocados no dorso jumentos, são encontrados em outro setor. Servem para transportar a água abastecedora da casa e a ração do gado do curral.

Enxadas, picaretas, foices, machados são, ainda, ferramentas usadas no trato da terra, além de chicotes, espingardas, bisacos, cabaços para água e para a pólvora (usados na caça) e, também, objetos usados pelo vaqueiros tais como: peitoral, culotes e chapéus, todos de couro.

Presentes, ao mesmo tempo, as peças de montaria, constantes de selas, cilhões, estribos para homens (dois) e para mulheres (um, apenas).

Perguntará um jovem de hoje: por que dois para os homens e, somente um para as mulheres?

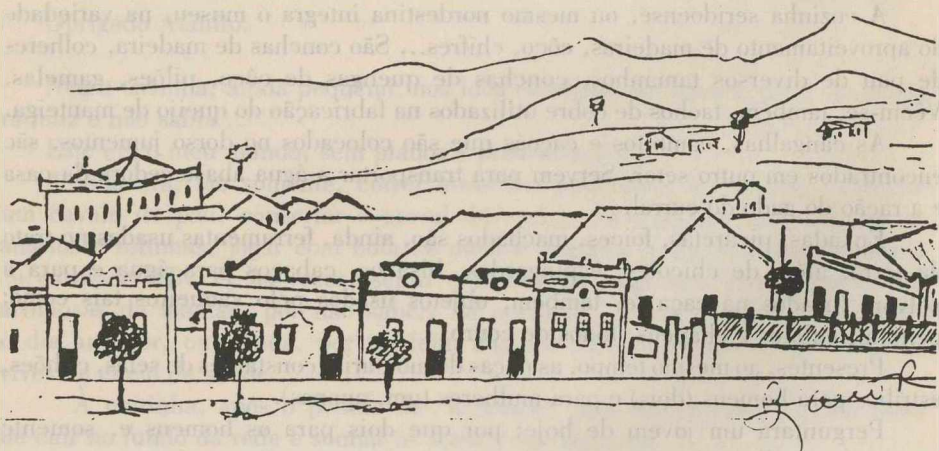
É que, antigamente, as mulheres cavalgavam de lado e, somente há poucos anos, passaram a escanchar-se nas selas... os cilhões são coisas de antigamente...

Visitar o Museu e, ao mesmo tempo, fazer doação de peças alí inexistentes é um dever de todo bom filho da terra ou morador da região.

Vamos ao primeiro andar do prédio e confirmamos outro tanto de surpresas admiráveis e de autêntico valor histórico...

Isso é minha terra... o Acari de belas tradições...

Obrigado, Sr. Prefeito.



Estas casas já não existem... neste trecho de rua estão casas modernas e ajardinadas... No Acari antigo, moraram Sátiro Bezerra, Toinho do Sítio, Prof. Tomaz Sebastião, Silvino Adonias Bezerra, Chico Marques e Nelson Dantas... Acho que 60% dos acarienses as desconheceram... Já que esta rua sofreu uma profunda transformaçãe, inclusive no alinhamento... Ao fundo, à esquerda a antiga Intendência, hoje Museu Municipal.

A CRIANÇA QUE ENVELHECEU

Nêgo quando pinta, tem três vezes trinta... diz o ditado popular. Não é essa sua idade, mas acho que já descambou dos setenta pois, quando éramos garoto, era ele já “taludo”, com voz enrolada e amante da dança e da música. Onde surgisse uma Banda de Música, lá estava ele a regê-la como se fosse, realmente, um competente Maestro, com uma batuta improvisada e com pose professoral. Encarna a pessoa do contra-mestre, em toda sua imponência. É regente exímio e desempenha tal função de frente, de costas e de lado dos músicos, seus comandados...

É que o nosso contra-mestre não visa os componentes da Banda mas, sim, a assistência. O que lhe interessa é estar no ritmo da música que está sendo executada. Esnoba-se quando se vê observado e, nesses momentos, sente-se realizado pois seu semblante irradia felicidade e tudo nele demonstra o convencimento de que é, na verdade, o maior dentre os maiores.

Isso é pureza... santidade de um velhote que se assemelha a uma criança e que nesses momentos não sabe o que seja privação, deficiência, aperreio ou sofrimento, a não ser que venha acompanhado de dor física, coisa, aliás, que DEUS tem afastado do seu viver. Deixou o Acari há muito e vive em Natal. Conversando com o Maestro PINTA, do Acari, diz que veio para Natal estudar música para ser contra-mestre.

Alegre e feliz corre toda a Natal e “serra” o almoço em casas de conterrâneos e amigos que lhe querem bem. Diz-se rico e lamenta a vida de quem é pobre... Fala inglês e prova o alegado proferindo as palavras: cigarro, obrigado, moça, mesa, rapaz, dinheiro, amigo, e outras mais...

É aposentado (por nunca ter feito nada) e por isso não paga transporte e não trabalha para ninguém...

Irrita-se, às vezes, para melhor passar. A quem o chama de macaco, passa a mão no trazeiro e mostra não ter “rabo” e abre os braços e não as asas, quando o tratam por urubu...

É difícil encontrar-se uma pessoa que não o conheça. É esta a figura simples, simpática e querida do Cícero, Cicerrô, Cicinho, Macaco, Urubu, Macaco Homem, afetivamente apelidado por amigos, conterrâneos e conhecidos.

É ele, a atração maior das festas da padroeira do Acari, como impoluto e irrepreensível Contra-mestre da Banda de Música Maestro Felinto Lúcio dirigida pela figura capaz e inteligente do Mestre Pinta e formada por musicistas que visam, com idealismo e abnegação, o crescimento da terra através dos acordes harmoniosos que, atirados aos ventos encaminham-se aos céus...

Quando o Acariense vê sua banda passar, sente a presença de Gavião, de Vicente, de Pedro Arbués, de Cláudio, de Bantão, todos sob o comando do mais humilde dos gênios, o magnífico Felinto Lúcio Dantas, que levou a vida compondo para enaltecer a Pátria através dos dobrados entusiasmantes e louvando a Deus com as peças sacras, autênticas súplicas que se dirigem às Alturas...



O PRETO QUERIDO E FOLGAZÃO

Disse o poeta, em versos, que brincava na areia e o mar bramia... Eu me lembro que, alegremente brincava nas calçadas da rua Dr. José Augusto não só com sua meninada, como da rua fronteiraça. E, dentre os colegas de brincadeiras, havia a turma de BEÊ, composta de ZÉ, Baltazar, Totinha, Bombom, Edite e Das Neves... todos pretinhos como graúnas e com virtudes e qualidades engrandecedoras de qualquer ser humano. São, sem exceção, honrados, trabalhadores e queridos de todos os que os conhecem. Não sei se os homens cantam. As mulheres, porém, o faz com tanta maviosidade que até parece terem roubado o gorgoejo do pássaro que lhes deu a cor.

Falemos do pai dessa turma tão boa e amiga: o velho Beê, como era conhecido e afetivamente tratado por todos da minha terra. Morava numa casa que, com outras quatro ou cinco, foram demolidas para que fosse aberta a rua Dr. José Gonçalves, numa justa homenagem a êsse Acariense que, se não houvesse voado tão cedo, teria, com certeza, galgado posto muito alto em nosso Estado.

Mas, assim como desejou em seu último poema, alçou vôo e penetrou no mundo do Além talvez sem o saber, por ter sido vitimado em desastre aéreo. Acará perdeu um filho ilustre.

Voltamos a Beê, o rei dos Negros do Rosário, organização “folklórica” da minha cidade e que, com sua morte, foi-se acabando e, hoje, não existe mais. Suas apresentações ocorriam, com todo o garbo, durante os festejos de Nossa Senhora do Rosário e tinha lugar em frente à centenária igreja que nesse tempo ainda possuía um gande patamar. Não existia, também, a praça depois ali edificada. Era o lugar onde a negritude, em grande maioria, se reunia para, em belas evoluções, prestar homenagem à rainha da sociedade. Entoavam-se cantigas e começavam as danças com passos os mais variados. Belas evoluções se iniciavam com mulheres de vestes rendadas e coloridas que, forçosamente, embelezavam os festejos e deleitavam os frequentadores do período festivo.

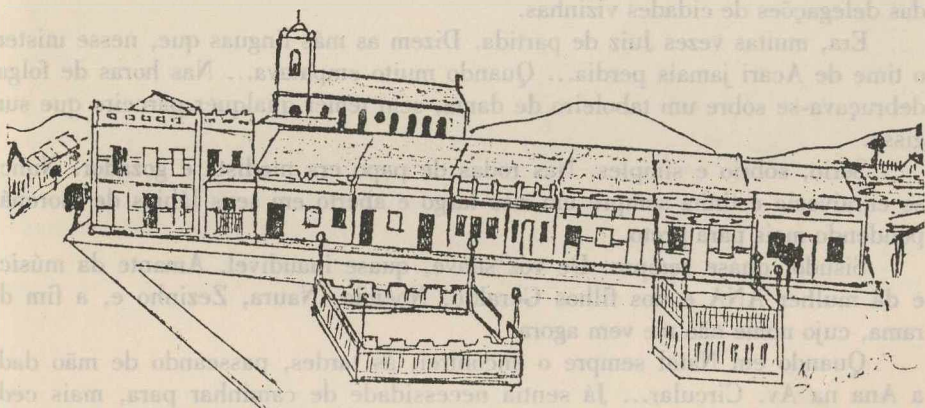
Beê tinha outro dom: era exímio contador de estórias, as célebres estórias de “Trancoso”, tão do agrado dos meninos de outrora... Não era, retifico, um

A SOPA DE ZÉ NUNES

Os cartesões, por questão de pura justiça, colocamos em débito para com uma das pessoas mais queridas da terra mãe: JOSÉ PETRONILIO DA SILVA, nome não identificável, talvez, para uma grande maioria dos seus conhecidos. Tentamos, hoje, resgatar esta dívida, já que vivamos de sua amizade e, por que não dizê-lo, de suas atenções especiais.

Éis ele o tipo mais popular da cidade. Comerciante, dono do bar mais frequentado da cidade, explosivo também, o ramo do cantado e da sinuca, além de manter-se à frente de qualquer modalidade de esporte que se praticasse na cidade, principalmente o futebol. Neste esporte ocupou todas as posições, tanto dentro como fora do campo. De jogador ("tail" ou "meio-campo") a goleiro. De guardião e exclamador do material esportivo a hospedeiro das delegações das cidades vizinhas.

Éis, muitas vezes juiz de partida. Dizem as histórias que, nesse mister, o time de Acari jamais perdia... Quando terminava... Nas horas de folga, dedicava-se sobre tudo ao futebol de salão. Já sendo necessitado de comprar para, mais cedo do que tarde, empreender a grande e última viagem... já que o peso do ano...



A rua Dr. José Augusto... poucas mudanças. Apenas, nessa época construiu-se a praça da cidade, uma das mais arborizada e ajardinada do Estado, nos dias atuais. O velho coreto e o local onde se colocavam as mesas das barracas nas festas ou organizavam-se os bailes populares, foram demolidos... para atender aos ditames do modernismo...

A SOPA DE ZÉ NUNES

Os acarienses, por questão de pura justiça, estávamos em débito para com uma das pessoas mais querida da terra mãe: JOSÉ PETRONILO DA SILVA, nome não identificável, talvez, para uma grande maioria dos seus conhecidos. Tentamos, hoje, resgatar esta dívida, já que privamos de sua amizade e, por que não dizê-lo, de suas atenções especiais.

Era ele o tipo mais popular da cidade.

Comerciante, dono do bar mais frequentado da cidade, explorando também, o ramo do carteadado e da sinuca, além de manter-se à frente de qualquer modalidade de esporte que se praticasse na cidade, principalmente o futebol. Neste esporte ocupou todas as posições, tanto dentro como fora de campo. De jogador ("ralf direito" medíocre) a cartola. De guardião e zelador do material esportivo a hospedeiro das delegações de cidades vizinhas.

Era, muitas vezes Juiz de partida. Dizem as más linguas que, nesse mister, o time de Acari jamais perdia... Quando muito empatava... Nas horas de folga, debruçava-se sobre um taboleiro de dama, sem temer qualquer parceiro que surgisse.

Sério, sóbrio e simples. Nas rodas de papo era piadista e gozador. Nunca se enraivecia e tinha sempre um riso largo e aberto em seus lábios de morenão pendendo mais para preto.

Sisudo, quase sempre. De voz suave, quase inaudível. Amante da música e da mulher ANA e dos filhos Geraldo, Noêmia, Naura, Zezinho e, a fim de rama, cujo nome não me vem agora.

Quando em Natal sempre o encontrei, às tardes, passeando de mão dada a Ana na Av. Circular... Já sentia necessidade de caminhar para, mais cedo do que tarde, empreender a grande, a última viagem... já que o peso do anos batia à sua porta...

Era religioso e devoto de N.S. da Guia.

Foi humilde e bom. Uma grande figura como hoje se diz.

De espontânea espirituosidade criou a expressão que identifica o Acariense onde quer que esteja:

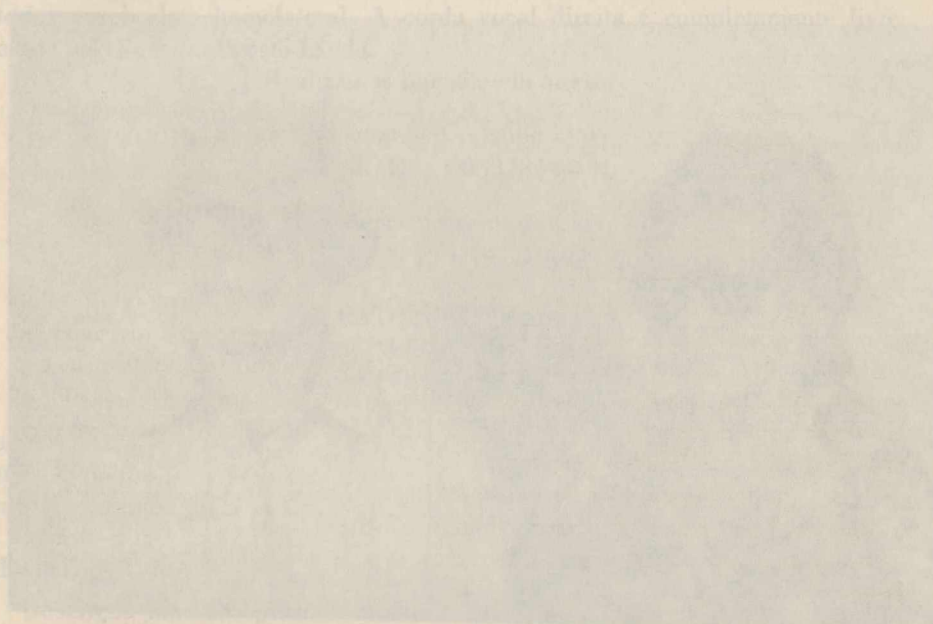
Vá na SOPA DE ZÉ NUNES que quer dizer: VÁ A PÉ ou VÁ NO ONZE...

Era êsse o conselho que ele dava a quem lhe dissesse que perdera o transporte... e desejava voltar para o sítio ou cidade vizinha onde residia.

Zé Nunes... grande figura humana...

EXAME MICROLARINGOSCÓPICO

P.S. A sopa de ontem é o "ônibus" de hoje. Era coisa rara e quase ninguém a possuía...



Dr. Jessé de Carvalho Lima
CRM 238 — CPF 003378344-20

LIGA NORTE-RIOGRANDENSE CONTRA O CÂNCER

Hospital Dr. Luiz Antonio
CGC: 08.428.765/0001-39

Rua Dr. Mario Negão, 2267 - Fones: 223.4147 - 223.6321 - 223.2533

— Natal — Rio Grande do Norte



Um casal unido e feliz... Querido de todos os Acarienses. Quando a velhice acenou que chegaria, mudou-se para Natal para ficar mais próximo dos filhos ali residentes e que, naturalmente lhes daria as atenções devidas...

O SURGIMENTO DO MAL

Instituto de Otorrinolaringologia de Natal
Policlínica - 1º andar - Sala 03
Rua Sílvio Pélico, 181 - Alecrim - Fone: 221-5367
Diariamente das 08 às 18 horas

EXAME MICROLARINGOSCÓPICO

Nome: **BIANOR MEDEIROS**

Apresenta lesão infiltrante, endurecida e bastante vascularizada com sede na prega ventricular esquerda, envolvendo a corda vocal do mesmo lado, comissura anterior e sub-glote homolateral. A corda vocal direita é completamente livre. A corda vocal esquerda está fixada.

Realizamos biópsia (em anexo)

Dr. Jessione de Carvalho Lima
CMR 238 CPF 003378544-91

Dra. Maria Goretti Freire de Carvalho
CRM 803 CPF 056015924-20

PATOLOGISTAS

Hospital Professor Luis Soares
Rua Sílvio Pélico, 181 - Alecrim

Exame nº 902377

Bianor Medeiros

Tumor de laringe

Dr. Cabral

PARTICULAR (66)

Descrição macroscópica: O material enviado para exame consta de vários fragmentos irregulares, elásticos, brancacentos, medindo o conjunto 1,2 cm de diâmetro. Todos incluídos.

Conclusão: Carcinoma epidermóide pouco diferenciado.
T-161.9 M-8070/3

Dr. Jessione de Carvalho Lima
CRM 238 — CPF 003378544-20

LIGA NORTE-RIOGRANDENSE CONTRA O CÂNCER

Hospital Dr. Luiz Antonio
CGC. 08.428.765/0001-39

Rua Dr. Mário Negócio, 2267 - Fones: 223.4147 - 223.6321 - 223.2535
Natal — Rio Grande do Norte

O SURTIMENTO DO MAL
Instituto de Otorrinolaringologia de Natal
Policlínica - 1ª andar - Sala 03
Rua Sílvia Péllico, 181 - Alcazim - Fone: 221-2307
Distrito das 08 às 18 horas

EXAME MICROLARINGOSCÓPICO

Nome: BIANOR MEDEIROS

Apresenta lesão inflamatória, eruducida e bastante vascularizada com sede na prega ventricular esquerda, envolvendo a corda vocal do mesmo lado, com extensão anterior e sub-glote hemilateral. A corda vocal direita é completamente livre. A corda vocal esquerda está fixada.

Realizamos biópsia (em anexo)

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que o Sr. Bianor Medeiros é portador de patologia codificada CID-161.1/0. Foi submetido a Laringectomia total com dessecção cervical bilateral em 16.10.90, com consequente perda da voz. Deverá ser submetido a Radioterapia pós-operatória com Acelerador Linear.

Natal, 24 de outubro de 1990.

Dr. Ricardo J. Curioso da Silva
Presidente da LNRCC

Exame n.º 002377

Bianor Medeiros

Unidade de Laringe

Dr. Curioso

PARTICULAR (60)

Descrição macroscópica: Fragmentos fragmentos, elásticos, translúcidos, medindo o conjunto 1,2 cm de diâmetro. Todos incluídos.

Conclusão: Carcinoma epidermóide pouco diferenciado.

T-1619-M-80703

Dr. Jessé de Carvalho Lima
CRM 238 — CPF 008378244-20

LIGA NORTE-RIOGRANDENSE CONTRA O CÂNCER

Hospital Dr. Luiz Antônio

CGC. 08.428.765/0001-39

Rua Dr. Mário Nogueira, 2507 - Fones: 223.4147 - 223.6321 - 223.2525

Natal — Rio Grande do Norte

Nossa Senhora da Guia
Igreja Matriz
Acaá - RN

DANDO GRAÇAS A DEUS...

“Se eu creio, porque Deus me manda
crer, a minha obediência é FÉ;
Se eu espero, porque me manda
esperar, a minha obediência é
ESPERANÇA;
Se eu amo, porque me manda amar, a
minha obediência é a CARIDADE...”
(Pe. Antonio Vieira)

Sim. Nessa fase de padecimento a expectativa por que passei, confessei, publicamente minha fé, esperança e Caridade. Crí em Deus, esperei a recuperação e amei o Senhor, cada vez mais... Pedi saúde a todos, médicos e Deus, principalmente, em obediência a sentença do Pe. Antonio Vieira:

“Quando os homens pedem aos homens,
ainda que sejam reis, pedem uns
pobres a outros; só quando pedem
a DEUS, pedem a quem, verdadeiramente é rico”.

E, em alguns momentos, dirigi-me ao Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, com as palavras do Cardeal Verdier:

“Inspirai-me sempre
o que devo pensar,
o que devo dizer,
como o devo dizer,
o que devo calar,
o que devo escrever,
como devo agir,
o que devo fazer

Para obter a vossa glória, o bem das almas e a minha própria Santificação...”

CARTA (1)

Nossa Senhora da Guia
Igreja Matriz de Acari
Acari-RN

Não há porta que o amor
não abra Emmet Fox

Estou, graças a Deus, em casa, depois de oito dias de hospital para onde fui, espontaneamente, seguindo orientação médica. Foi, confesso, uma decisão tomada com um certo receio mas sem medo, apesar da gravidade do mal que consegui acesso ao meu corpo. Não duvidei, porém, em nenhum momento, que a Sra. intercederia, conforme lhe pedi, junto ao Salvador, seu filho e meu irmão, a fim de que inspirasse e orientasse a equipe médica escolhida para tentar curar-me.

Resoluta e serenamente segui para a sala de cirurgia e, ao adentrá-la já ingressara num mundo misterioso e desconhecido, devido à ação do anestésico ou coisa semelhante que me foi infligido, há alguns poucos minutos.

Adormecera tranquilamente, convicto de que à minha espera estava, além dos médicos, os meus divinos protetores, várias vezes, não só por mim como por meus familiares e amigos, chamados para abençoar aquela riscosa intervenção cirúrgica.

Horas depois, ao transpor a fase letárgica, senti que, além do trabalho irrepreensível e competente dos profissionais da medicina, mãos divina andaram se envolvendo nas tarefas executadas, pois a recuperação vinha vindo rápida e patentemente. Contrito e agradecido dou, diariamente, graças a Deus e lhe peço que de bençãos, cubra todas as pessoas que durante os momentos difíceis por que passei, de duríssima adversidade, dispensaram-me tantó cuidado e tanta ternura humana.

Como amor filial.

CARTA (2)

Nossa Senhora da Guia
Igreja Matriz
Acari - RN

Não há doença que o amor não cure
(O sermão da montanha).

O tempo, velozmente, passa e quinze dias são decorridos. Somente o período de adaptação e a feitura de curativos obrigatórios e determinados pelo médico, tiram-me da rotina que levava. Mudar é difícil e, às vezes, até penoso, mas o que, anteriormente, me atormentava era a dúvida de não saber o que comigo estava acontecendo já que a saúde ia-se, gradativamente, se abalando. E as consequências? Sombrias e imprevisíveis! Jamais sofrera uma cirurgia! Nunca me ví preso ao leito devido a uma doença. Definhava, diziam-me. Uma rouquidão intermitente e esquisita começava a encomodar-me.

Mas, o verdadeiro pavor invadiu-me aí na matriz na última novena em sua homenagem, quando quis entoar o hino em seu louvor e senti dificuldade... Ao regressar para casa, após a realização do ato religioso que os seus filhos sempre lhe prestamos, com muito amor e devoção, não conseguia, sequer, solfejar e escala musical. Era o seu aviso, creio. Bendito aviso, porém. Confesso que estremeçi, mas conscientemente senti a gravidade do caso. Decididamente teria que, ao retornar daí, enfrentar o médico para os exames necessários.

Fí-los todos e, ao final, a sentença:

“CARCINOMA EPIDERMÓIDE POUCO DIFERENCIADO - TUMOR NA LARINGE”.

Que fazer? Desesperar? Nunca. O desespero é o maior de todos os erros, disse alguém.

Além disso, creio em Deus. As crenças pertencem ao domínio da fé e não da lógica e não posso, resolutamente, recusar a esperança.

Recebi do Criador uma imensurável coragem para enfrentar a cirurgia, única solução.

Não é DEUS o médico dos médicos?

O resultado, após os momentos de hesitação, foi procurar o cirurgião e a ele entregar-me cheio de confiança e destemor. Submeti-me à sua ação. Sei que a Sr.^a esteve presente e comandou os movimentos de toda a equipe executora de tão melindrosa mas abençoada intervenção.

Acabou-se a dúvida, afinal... Resta a esperança de uma franca recuperação, que sei, virá.

Algumas restrições virão mas, perder a voz não será perder a vida.

Posso dar graças a Deus e, se Ele o quiser por muito tempo.

Bençãos para o filho agradecido.

DEUS

Creio em Deus por se revelar na natureza,
sua filha e nossa mãe.

Reconheço o Senhor na poesia da criação,

no sorriso da criança,

no tropeço do ancião,

no pedido do mendigo,

na ajuda das mãos

no velar das mães,

no pai que instrui e

no pastor que evangeliza.

Reconheço-o, ainda,

no amor da esposa,

no afeto do filho,

na justiça do justo,

na esperança dos povos,

na caridade dos bons e

na inteireza dos íntegros.

Vejo-o:

nos versos dos poetas,

na eloquência do orador,

na inspiração do artista e

na santidade dos puros.

Sinto-o:

no perfume das rosas,

no canto das aves,

no matiz dos campos,

na beleza das campinas,

no murmúrio das fontes,

na sombra das árvores,

na placidez dos lagos e açudes.

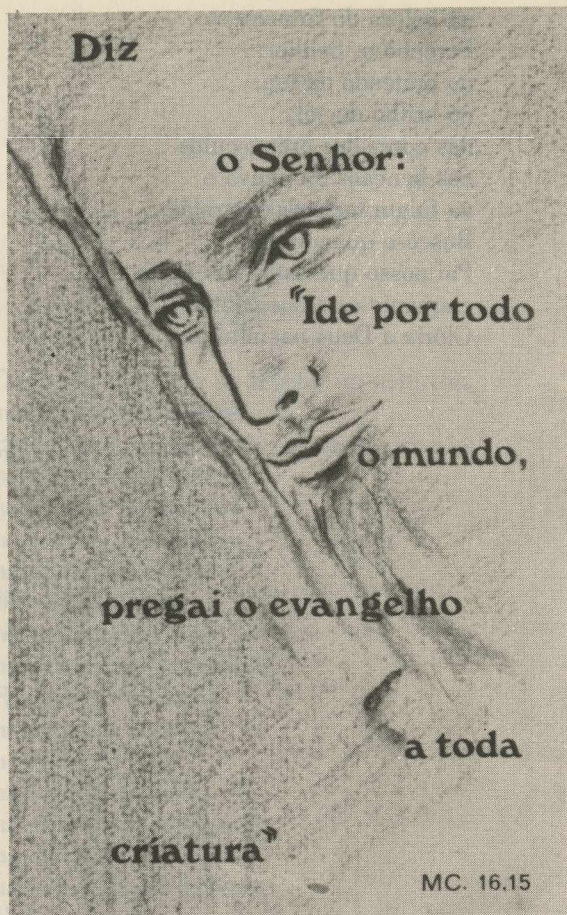
Na amplidão dos mares,

No movimento das ondas,

na altivez das serras e

na beleza do firmamento.
Percebo-o, Senhor:
no prateado da lua,
no brilho do sol,
nas cores dos crepúsculos
nas bênçãos da chuva e
na fulgúncia das estrelas...
Busco-o quando oro:
Pai nosso que estás no céu, e
enquanto os anjos cantam:
Glória a Deus nas alturas...

Bianor, Dezembro 1991.



PRECE DO NATAL (1991)

SENHOR:

Ñ ão negueis a todos nós a paz e a tranquilidade dos justos e dos bons;
A pontai para nossa família o caminho da sabedoria e do amor;
T irai de todos nós o orgulho e a vaidade para que possamos compreender as limitações e deficiências dos nossos semelhantes, reconhecendo as nossas próprias;
A tendei aos incessantes e comovidos pedidos de todo o mundo para que os pobres não se tornem miseráveis;
L ivrai-nos dos maus ensinamentos, dos tristes exemplos e das vãs insinuações.
Dai-nos, por fim, alegria nesta data universal do seu nascimento para que todos, a uma voz, entoemos, em canto, as mais belas palavras, a magnífica exaltação, o mais puro e divino dos enunciados:

“GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS E PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE”.

MATANDO O TEMPO!

Não há dificuldade que o amor não vença.
Emmet Fox

Hoje, dia 8 de maio. Como não tenho o que fazer espicho-me numa rede no lugar mais arejado de minha casa e apanho uma revistinha de palavras cruzadas. No embalo gostoso, vou matando o tempo de modo muito agradável e proveitoso.

Lembro-me, não sei por que, do Major Theodorico Bezerra que declarou certa feita ao Mons. Walfredo, em papo no alpendre de sua casa na fazenda Uirapurú que o homem, apesar de inteligente e criativo não inventara, ainda um “balançador de rede”, coisa, continuava, tão simples.

Seria, creio, um invento formidável principalmente para quem sabe o que seja uma latada de palha ou um alpendre guarnecidos de uma tipoia ou uma rede de varanda feita em Caicó.

Voltemos às palavras cruzadas, meu passa tempo diuturno nesta fase pós operatória, sem deixar de lado livros trazidos por amigos diletos que me visitam e me confortam, tais como: Açude Gargalheiras, de José Fernandes, Páginas de verão, de Jurandy Navarro, Amor, Medicina e Milagres, de Berne Siegel, Fatos. Episódios e datas que a memória gravou, do Dr. Clóvis Sarinho, Velhas Oiticicas de Pery Lamartine, Nem Todos Calçam 40, de José Fernandes de Melo (presente de Eugênio Neto) Compasso de Recordações de Reinaldo Aguiar, Seridó - SEC. XIX, Pe. João Medeiros e Oswaldo Lamartine e Cidade e Black-Aut, de José Nazareno de Aguiar, meu vizinho na praia da Redinha. “Sofrer e Amar”, de João Mohana, trazido pelo casal Arnaldo e Amazilde.

Obrigado aos amigos pelas deleitantes leituras nessas horas de incertezas eu sei, mas de muita fé e esperança. Creio em Deus e na sua misericórdia.. isso basta.

Uma especial referência ao livro Amor, Medicina e Milagres trazidos por Maria Inês Guerra Molina e seu esposo José Molina Filho, por tratar-se de uma obra escrita por um oncologista, cirurgião em New Haven e professor da Universidade de Yale e que criou a PEC (Pacientes Especiais de Cancer), uma forma especializada de terapia individual e de grupo destinado a facilitar a modificação da personagem e a cura de moléstias graves.

Amor, Medicina e Milagres, alcançou grande sucesso desde o seu lançamento, ocupando por mais de um ano a lista de “best-sellers” nos EUA.

“Um livro admirável que deveria ser lido por todos os pacientes e médicos incrédulos”, diz a Dr. Elisabeth Kubler-ross, autora de AIDS - O Desafio Final.

Livro maravilhoso... Até amanhã.

QUE DECEPÇÃO!

Não há muralha que o amor não derrube (O sermão da montanha).

Hoje, dia chuvoso. O frio faz-me ficar mais preguiçosamente a meditar nesta etapa de restabelecimento da saúde agredida, felizmente, pela cirurgia necessária e inadiável. Após algumas preces ponho-me a relembrar coisas boas do passado. Sim, coisas boas. As más há muito desprezei-as, vez que nada acrescentam na vida de qualquer ser humano, mormente quando, para quem, como eu, foi forçado a mudar o estilo de vida.

Disse, certa vez, o Mestre Cascudo que “somente dava notícias boas.. quanto às más, calava”.

Estou de pleno acordo com a primeira afirmativa embora quanto à segunda, além de não gostar de passá-las à frente, não posso fazê-lo de imediato, em virtude da restrição sofrida, se a comunicação oral é-me possível. Ademais, as boas novas devem ser dadas como brevidade e, no meu caso, sou forçado a aguardar o momento oportuno que virá para, por escrito, transmitir o desejo.

Conto-lhe o que aconteceu comigo, há dois dias. Lia o Jornal quando deparei-me com uma notícia de interesse de um amigo e, não tive dúvida: Corri ao Telefone e disquei para sua casa. de lá, sua voz...

Aló... 222 0990, Fulano de tal.

Foi aí que me invadiu uma profunda decepção ao tentar identificar-me pois, como fazê-lo se minhas cordas vocais haviam sido extirpadas e depositadas no depósito de lixo hospitalar do Onofre Lopes, há mais de uma mês?

Mas... e daí. Desesperar?

Nunca. Paciência, aconselha HONORÉ DE BALZAC, quando sentenciava: “Todo o poder humano é construído de paciência e tempo”.

Se minhas cordas vocais tiveram aquele destino é porque, coitadas, foram duramente agredidas pela expelição da fumaça dos indesejáveis cigarros que desbragadamente traguei apesar de advertências múltiplas de médicos e amigos dos males que eles poderiam causar-me. Poderiam ter sido maiores...

Por isso, sou um felizardo ante a situação em que me encontro, pois, em quaisquer delas encontram-se motivos de gratidão e alegria...

Não é isso, Dr. José Hildo?

MISSUS A DEO

Não há obstáculo que o amor não transponha.

De repente, sinto a aproximação de minha filha. Olho-a e somente sorriso e alegria estampados no rosto de menina que ainda tem, apesar de mãe duas vezes. Pede-me a bênção e antes que eu a abençoi, vai dando uma notícia que afirma ser alvissareira.

“Conheci, no hospital um cidadão cearense, que se submeteu a uma cirurgia igual à sua e está falando tudo”.

No momento e com rapidíssimo raciocínio, confesso que duvidei, apesar de, no mesmo instante, conceber que nenhum interesse havia para minha filha trazer-me uma notícia que não espelhasse a verdade. Foi ela completando com a declaração.

— Logo mais, às 16:00 horas vou apanhá-lo no Hotel Tirol, pois mostrou-se interessado em ter um encontro com o senhor.

Saiu, logo depois, e eu fiquei matutando: Seria possível? Uma grande ansiedade tomou conta de mim.

Na hora marcada, entra ela com um cidadão de uma simplicidade impressionante, um autêntico eremita, um místico. Risonho e irradiando bondade para todos os lados, foi abrindo conversa:

“Venho fazer-lhe uma visita, depois de conhecer seu médico. Sou de Fortaleza e estou visitando Natal para relacionar-me com alguns laringectomizados potiguares a fim de fundarmos uma Associação. Sou Evangélico, nunca havia fumado ou bebido e contraí esse mal.

Concluí, depois de algum tempo que Cristo me deu essa provação, que realmente me impõe restrições, para que eu melhormente pudesse servir a meus irmãos. Foi a missão que me confiou, acredito”.

Não me contive e, com lágrimas nos olhos devido à emoção sentida, apanhei de um lápis e escrevi para ele:

— Você é, creio firme e decididamente, **UM ENVIADO DE DEUS...** Julgava nunca mais falar. Mas foi o próprio Cristo quem disse “a tua fé te curou”...

Passados alguns minutos, até uma gravação ele fez e do meu telefone avisou à sua mulher, em Fortaleza, que logo mais retornaria.

Fui deixá-lo no Hotel, absolutamente certo de que, com o passar dos dias estaria a recuperar-me da perda da voz que sofreu.

Com entusiasmo, afincado a resolução desmedidos continuei os treinamentos e hoje, graças à minha competente e dedicada fonoaudióloga Dr. HANNALICE. GOTTSCHALCK CAVALCANTI e o exemplo de tenacidade, força de vontade e abnegação em transmitir experiência do meu extraordinário visitante, já consigo pronunciar algumas palavras.

José Sandoval S. Mendonça é o Diácono a quem passo a chamar de “**MISSUS A DEO**”... (O enviado por Deus)

*“**MISSUS A DEO**” era o lema de D. Marcolino E. de Souza Dantas, 1º Arcebispo de Natal.

REFLEXÕES

A paz de espírito envia ao corpo uma mensagem de “VIVA”; a depressão o medo e o desespero transmitem-lhe a mensagem de “MORRA”.

BERNIE SIEGEL

Embora encontremos, às vezes, dificuldades no passar pela vida, não devemos, jamais, desesperar ante seus surgimentos nem atribuí-los a planos de Deus para fazer-nos sofrer. Não. Todo plano do Criador visa tão somente ao bem e não seria causa de infelicidade ou imperfeição.

A vida humana traz incertezas e sofrimentos, às vezes dolorosos, mas nunca planejados por Deus pois ele não atribui à humanidade essas infelicidades.

Tudo que nos rodeia e agride devemos encarar como falsas e ilusórias ofensas. O mundo verdadeiro criado por Deus é perfeito mas se o homem não entende e não crê nessa perfeição é levado a admitir a existência de uma falsa imperfeição, quando na realidade o imperfeito e frágil somos nós ao contrariarmos a sentença de Lamartine e a “esquecer os múltiplos benefícios recebidos ante, apenas, um simples e único malefício porventura surgido”.

Não. Em nome da moral e da fé cristãs, não enveredemos por esse caminho.

Hoje, mais do que nunca, agradecemos a Deus os momentos de meditação da fase pós operatória por que passamos e a oportunidade de enfrentá-los com serenidade e, nunca, com revolta.

Tivemos, na verdade, uma grande oportunidade de, curando o corpo, em parte afetado, procurar limpar a alma.

Não queiramos, nunca, um corpo limpo e uma alma suja... pois, assim, chegaremos a ser um infeliz, com dias atormentados pelos espíritos maus e, necessariamente, conduzidos às tragédias e desgraças... “O medo e a depressão transmitem a mensagem do “MORRA”. Creio em Deus... Ele é justo e bom.

Tenho que mudar, meu ritmo de vida, pois algumas restrições me estão sendo impostas, mas Deus me dará a paz de espírito para que ela traga para meu corpo uma mensagem de “VIVA”.

POR QUE? PORQUE!

— Por que discutir os desígnios de Deus?

Não é Ele o Criador, o Onipotente e o Onisciente?

— Por que não me conformar se outros não ouvem as boas músicas, as grandes orquestras, os grandes mestres e os grandes oradores?

— Se alguns não se deliciam com a sinfonia da passarada, o açoite do galo de Campina, a maviosidade do canto do sabiá ou o estalar de um canário da terra?

— Se vários não se comovem com o bater de um sino na hora do Angelus ou se alegram com o repicar alegre de uma alvorada?

— Por que sofrer se há pessoas alheias a tudo e a todos, sem raciocínio,

parados, portadores de uma paralisia incurável?

— Por que apavorar-me se há amigos em fase terminal irremediável, portanto, e sem qualquer esperança?

— Por que não suportar se me falta tão pouco?

— Por que me maldizer se existem criaturas mutiladas e que se entristecem ao se encontrarem com os amigos?

— Que se magoam ao ver-se diante de um espelho e vêem sua face corroida por um mal irreversível?

— Por que não suportar feliz se me falta tão pouco, mais uma vez pergunto?

DEVO, SIM: agradecer o mínimo que me foi imposto, a mínima restrição infligida: a perda da voz...

TUDO ISTO, PORQUE:

— Os grandes males são, não só os físicos como os sociais, causadores de grandes dores espirituais e morais, a atingir as pessoas de forma desumana e brutal,

— Porque a fome mata diariamente;
o desemprego desespera,
a família se desagrega,
os filhos são abandonados nas ruas,
a delinquência, assustadoramente, aumenta,
a insegurança amedronta
os crimes hediondos tornam-se rotineiros,
a falta de assistência médica traz o pânico,
a ladroeira se alastra e a corrupção campeia, desenfreadamente... e o nepotismo é, hoje, uma grande virtude, para a maioria dos políticos...

NÃO, SENHOR!

Quero, sim, aceitar resignado esta situação e dar-lhe graças pelas dores não sofridas e bendizer os momentos que, em sã consciência, posso concentrar-me para glorificar SUA grandeza...

Desejo, Senhor, já que não posso vê-lo, senti-lo, escutá-lo.

Percebo-o nas palavras do perdão, na mão que acaricia, na paz e na alegria. Contemplo-o no médico que cura e encontro-o em toda parte. Diviso-o nas expressões da arte, reconheço-o no amor dos homens, mas onde mais o pressinto com mais beleza, na sua mais sublime vibração não é nas belezas da natureza mas, sim:

DENTRO DO MEU PRÓPRIO CORAÇÃO...

AS QUATRO FÉS

“Peçamos a Deus paciência. Tudo passa. Deus nos basta e Ele não passa” Santa Theresa de Jesus.

Bernie Siegel, M. D. em sua Obra “Amor, Medicina e Milagres” trata da cura espontânea de doentes graves, segundo a experiência de um famoso cirurgião norte-americano. No capítulo 3. “As imagens nas Doenças e na Cura” inicia-o com palavras de Galileu:

A um homem nada se pode ensinar “Tudo o que podemos fazer é ajudá-lo a encontrar as coisas dentro de si mesmo”.

Discorre o tema com maestria invulgar, ilustrando-o com o seguinte caso, depois de invadir-lhe um dilema: se o amor de Deus é capaz de curar, por que motivo eu continuar a exercer a profissão de médico? Por que continuar a ser cirurgião? Por que ensinar as pessoas apenas a amar? E, continua:

Deus, em sua bela e melodiosa voz esclareceu:

Bernie, dê ao cirurgião o que é do cirurgião e a Deus o que é de Deus.

E elucida a parábola com uma história por ele adaptada:

“Certo doente de câncer é avisado pelo primeiro médico de que estará morto dentro de uma hora. O homem corre para a janela, levanta os olhos aos céus e exclama:

— Senhor, salvai-me!

Do azul dos céus vem uma voz maravilhosa, que diz:

— Não te preocupes, meu filho. Eu te salvarei.

O doente, reconfortado, volta para a cama.

O médico pede minha intervenção e informa ao doente que, se eu operá-lo dentro de uma hora, poderei salvá-lo.

— Não, é a resposta dele — Deus me salvará.

Presentes, ainda, um oncologista, uma radioterapeuta e um especialista em nutrição, todos lhe asseguram que podem salvá-lo.

— não preciso de vocês. Deus me salvará, repete o homem.

Decorrido uma hora, está morto. Ao chegar aos céus, procura Deus e pergunta:

— Que houve? Vós dissestes que me salvarias, mas aqui estou eu, morto.

— Pobre de espírito! Mandei-te um cirurgião, um oncologista, uma radioterapeuta e um especialista em nutrição...

E chega, Bernie à conclusão de que quatro são as fés cruciais para a recuperação de qualquer doença:

“Fé em nós mesmos, fé no médico, fé no tratamento e fé espiritual”...

Daí, concluo eu:

Confiar em Deus mas usar os recursos que se nos apresentam, com muito amor e esperança...

RETORNO AGRADÁVEL

Sou décano dos membros do Conselho Penitenciário do Estado. Há trinta e poucos anos tenho convivido com amigos inteligentes e capazes. A todos os que ali estão, prende-me uma amizade por demais gratificante. Deixei-os, por algum tempo, para cuidar da saúde agredida. Ao voltar, disse do meu contentamento em reintegrar tão importante colegiado, com as palavras seguintes:

Caros Colegas Conselheiros,

A alegria que sinto ao retornar a este salutar convívio por tão bons e diletos amigos, é, parece-me, tão grande quanto a tristeza, a incerteza e a apreensão que se apoderavam de mim quando daqui me afastei, a fim de dar um passo, talvez o mais duvidoso e grave da minha vida...

Enfrentei a adversidade, porém, confiando nos médicos que iriam cirurgiar-me e cheio de fé no Cristo, aquele que é o médico dos médicos. ELE, não só curou, mas também, deu a vida a Lázaro quando já a houvera perdido.

Tudo correu bem. Foram-se os dias de solidão e incerteza, passados no tradicional Hospital Onofre Lopes.

Dalí, também, muitas preces subiram aos céus quando, sempre e sempre, implorei a proteção do Cristo e de sua mãe Nossa Senhora da Guia, padroeira da minha terra...

Hoje, já tentando recuperar a voz perdida, volto cheio de esperança e com muita fé em recobrá-la, embora de modo um tanto penoso e lento.

Mas, conformo-me. Não posso conversar com os colegas mas posso falar com Deus e pedir-lhe que mantenha a competência dos médicos que seguiram os seus ensinamentos, na hora da operação a que me submeti.

Sou feliz, portanto, e espero continuar com vocês por mais algum tempo, se Deus assim o permitir... em plena lucidez e com capacidade de fazer-me entender...

BIANOR MEDEIROS
Conselheiro

DECÁLOGO DO APENADO

Depois de oferecer parecer num processo de liberdade condicional de um detento, em meditação, verifiquei que, tanto eu, quanto ele, sofremos uma restrição. Perdi a voz; ele perdeu a liberdade. Eu sou vítima de um mal (doença).

Ele, agente de outro, causado à sociedade.

Estou procurando recuperar a voz perdida.

Ele se encontra em processo de reeducação para poder voltar ao meio social ferido e de onde foi afastado, temporariamente.

Para ajudá-lo, peço que leia:

01. Pede sempre a ajuda de Deus pois é ELE o primeiro protetor da justiça.
02. Não te sintas um maculado face à infração; continuas uma criatura à semelhança do Criador.
03. **Aceita a situação resignadamente, pois a lei que pune, como a que absolve,** funda-se em princípio da Justiça.
04. Sente que não estás sendo castigado; estás apenas em período de reeducação para voltares à sociedade que feriste.
05. Sê, nobre. Não penses que tua desgraça alegra os que te puniram. Se és culpado, fêz-se justiça, se inocente, a sociedade errou.
06. Sê cortês. Trata sempre os colegas de infortúnio com solicitude e os superiores com respeito e compostura.
07. Sê leal. A sinceridade, a franqueza e a fidelidade não se vendem por preço, algum. Essas virtudes nada custam, tudo ganham.
08. Despreza a ociosidade. Trabalha e espera com humildade o dia do amanhã. Lá fora sorrisos te receberão e mãos se estenderão para ajudar-te.
09. Não tentes libertar-te por conta própria. Assim, agindo, a sociedade não te dará guarida e a intranquilidade te acompanhará.
10. Crê que Deus está ao teu lado e a liberdade virá por determinação Dele e da própria justiça.

PENSAMENTOS

- 01 — A vida plena de saúde é dádiva divina, quase impossível.
- 02 — A voz, para mim, é o mínimo se comparada à vida, que é o máximo.
- 03 — A medicina, para evitar um mal maior, tirou-me o direito de conversar com os amigos; não conseguirá, porém, impedir-me de falar com DEUS...
- 04 — Não sei qual a reação que sentirei quando ouvir de um cego: "O sr. é um homem feliz".
- 05 — É possível viver sem voz... inexistente é a voz sem vida...
- 06 — Milton, cego, dizia: "Sinto que Deus me ama ainda mais, desde que só posso enxergar a Ele". A mesma certeza tenho eu, desde que só com Ele falo...
- 07 — Não falar é suportável a qualquer um... o que deve doer, realmente, é falar e não ser ouvido.
- 08 — Nas horas de incertezas seguro a mão de Deus e, apertando-a, digo em pensamento: Seja feita a Vossa vontade!
- 09 — Nada mais confortador que sentir, nas adversidades e apreensões, a presença de DEUS...
- 10 — A fé em Deus é o único meio de obter a paz e a segurança nos difíceis momentos.

MEU AMIGO IRMÃO, O AUTÊNTICO

Visitou-me várias vezes. Na última, vinha comunicar-me sua ida à Europa, pela segunda vez, com Amazilde e os dois filhos.

Sua vinda, talvez, fosse para incentivar-me a também fazê-lo, pois soubera dessa minha intenção, já que meu filho estava residindo na França, no Centro Universitário de Clermont Ferrand. Eram, ele e Amazilde, só felicidade... Trouxe-me alguns livros e deu-me força para mais agradecer a Deus e N'Ele crê, na fase recuperatória. Despediu-se, como se fosse para o Velho Mundo. Dias depois, fui informado que impecilho inesperado impedira-o de realizar o sonho... Viajei a seguir. Pela velha e bela Europa, em cidades por onde passei como Lourdes, Barcelona, Piza, Roma, Florença, Gênova, Veneza, Mônaco, Nice, Monte Carlo, Genebra, todas com grandes atrações turísticas, além de outras cidades de portes menores que não mereceram paradas devido a excaszez de tempo, já que viajámos em automóvel próprio. Em Paris, permanencia de 4 dias. Em todas essas cidades esperei encontrá-lo nos lugares visitados pelos turistas que chegam.

Debalde a ânsia do encontro...

Decorridos trinta dias, deixo a Europa e chego ao Recife, onde me esperam a filha e o genro. Boas novas lhes dei e deles recebi... A triste notícia foi-me transmitida, apenas na cidade de Goianinha, onde fizemos uma parada para abastecimento do carro.

“Arnaldo morreu ontem em São Paulo, após uma cirurgia”, disse minha filha com a voz embargada. Surpresa jamais esperada...

Cheguei a tempo de ir ao seu velório e, confesso, chorei copiosamente... Foi-se um dos homens mais íntegros, honrados e humanos. Era ele só bondade e lhaneza...

Na missa de sétimo dia fui pedir por ele e, por incrível que pareça, dele recebi a grande lição cristã:

“Não aceitar a realidade remetida por Ele, não aproveitar as situações sempre novas em que Ele nos coloca (até as piores) é fechar-nos o caminho para a perfeição; é esvasiar sempre mais o sentido da vida”.

E, ainda:

“Se santidade é perfeita união com a vontade de Deus, como pode alcançá-la quem, já no ponto de partida, se recusa a aceitar a vontade divina?”

(Trechos de uma palestra proferida sob o tema Ponto de Partida, aceitação).

Obrigado, meu irmão. Estou feliz porque cantamos ao final da missa, como você, cheio de confiança, cantaria:

“Pelo caminho da eternidade
Senhor, terei toda a felicidade...”

CANTAR, CANTAR E CANTAR...

Quis cantat, bis ora,
(Quem canta, reza duas vezes)

Se não posso espantar meus males cantando, afugento-os meditando e escrevendo.

Toda a minha infância passei-a a cantar. Meus cantares subiam aos céus para louvar as grandezas do Criador, enaltecer as belezas celestes e agradecer os favores recebidos, não só por mim, mas por todos os meus familiares e benfeitores... Era, nesse tempo, cantor do Seminário de São Pedro (Schola cantorum) e de qualquer coro de igreja onde fosse chamado para entoar os hinos sacros indispensáveis às cerimônias e atos religiosos que se celebrassem.

Deixando o Seminário, comecei a conhecer a música profana, e, mesmo sem abandonar os cânticos sacros, tornei-me amantes das belas valsas, sambas canções, foxes e tudo mais que fosse lançado por Orlando Silva, Chico Alves, Gilberto Alves, Sílvio Caldas e tantos outros excelentes cancioneiros da fase de minha juventude...

Nessa época, ganhei um amigo inseparável, como disse o velho Chico. Abraçei-me a ele até não poder mais, fazer o que ele gostava que eu fizesse: cantar. Acho que, se humano, sentiria o impacto e, por isso, consolo-o com as trovas que se seguem:

O boêmio e seresteiro
Coitado, perdeu a voz...
Seu violão companheiro,
Talvez sofra dor atroz...

Violão, meu velho amigo,
parei, já não canto mais.
Não acho que foi castigo...
Não lastimarei jamais...

Ficarás sempre ao meu lado
sem ouvir lamentos meus,
em ordem, sempre afinado
prá soltar acordes teus,
e eu? lembrando o passado
e dando graças a Deus...

Deixar de falar não é tão doloroso quanto não poder cantar... Falar é próprio do ser humano... cantar é um dom de Deus e, quem canta, oferece seu coração e sua alma... pois a música embala e deleita não só quem a executa como, principalmente, quem a ouve...

POR QUE FUMAR?

Descase-se do cigarro e viva uma vida saudável sem os achaques que o mesmo impõe.

Estou, com o passar do tempo, voltando a pronunciar-me oralmente, isto é, falando mal através do providenciável recurso chamado VOZ ESOFÁGICA... Noto que umas palavras saem tranquilamente na nova modalidade. Outras, dificilmente consigo transmitir, apesar do esforço dispendido. As sílabas formadas por "R" são quase impronunciáveis e não sei se, com o tempo, as coisas mudarão. Mas... é isso mesmo!

Já estou conseguindo muito e graças a Deus... posso comunicar-me através a escrita. Senão soubesse escrever, enveredaria pelo recurso dos surdos-mudos: os gestos. Não é pela mímica que grandes artistas transmitem seus pensamentos e desejos a uma platéia que assiste aos seus espetáculos?

Com todos esses recursos usados por nós deficientes posso medir a bondade Divina e chego à conclusão que Ele não nos quer sem o dom da comunicação, por completo.

A falta da voz natural foi a única pena que recebi e, assim, julgo-me ter sido contemplado com a pena mínima, graças ao Criador, vez que me encontro saudável, com perfeita saúde e plena disposição para continuar a viver, embora com bastante cuidado e evitando certas extravagâncias e abstendo-me de vícios gostosos, mas prejudiciais.

Assim digo, porque fumar é uma coisa deliciosa (ou melhor, foi...) pois era o baforar de um cigarro um suavizante nas horas de apreensão e angústia e, nas horas de alegria, tornava-se um companheiro solícito na condução de momentos de devaneios, sonhos e fantasias.

Não condeno quem fuma mas tenho a dizer que aquele que deixa de fumar está praticando, talvez, o ato mais importante de sua vida, em benefício de sua saúde e do seu bem-estar...

Desta inflação vergonhosa que assola o país, há um aumento que me alegra, sobremaneira: o aumento do preço do cigarro que, para mim, deveria chegar a cifras estupidamente exorbitantes para que as pessoas, já doentes pela fome que passam e pelas más qualidades dos produtos adquiridos, não o comprassem e fossem conscientizados de que, com o seu uso, só malefícios estão carreando para apodrecer, decompor e destruir o corpo e, em consequência, abalar, a saúde, coisa preciosíssima e dádiva de Deus...

Depois do indesejável prêmio que recebi, tenho, somente, a dizer, resignadamente:

Não queira passar pelo que passei... deixe de fumar... e nada perderá...

FRUTOS DE MEDITAÇÃO

Das horas de meditação a que me tenho submetido, nessa fase recuperatória, de esperança e de fé, arranquei do meu combalido coração sexagenário, às portas dos setenta, algumas regras que, em sã consciência, nos farão ter uma vida melhor, de mais paz, mais amor e de franca tranquilidade. Busquei-as, ora ao agradecer a DEUS pelo novo dia, ou nos balanços agradáveis de minha rede, em tardes pachorrentas e gostosas.

Acredito que, assim agindo, nossas vidas mudarão para melhor e chegaremos à felicidade que Deus deseja ser constante enquanto vivermos. Ei-las:

- Errando menos, sofreremos menos; procuremos fazer tudo corretamente;
- Ajamos com justiça, falemos somente a verdade e sejamos leal e sincero para com os outros;
- Tenhamos, sempre, pensamentos puros e sadios;
- Esqueçamos os que tentaram prejudicar-nos... eles são dignos de pena...
- Meditemos sempre pois só assim estamos encontrando o caminho da felicidade;
- Façamos tudo para ser mais útil a nós mesmos e aos outros;
- Procuremos ser bons aprimorando nossos sentimentos de amor e bondade;
- Não procuremos posições com a infelicidade dos outros;
- Procuremos curar as doenças físicas fortificando e limpando nosso corpo e, ao mesmo tempo, limpando e curando a alma;

De que nos serviria ter o corpo limpo e alma suja? Seríamos, necessariamente, um infeliz com dias atormentados e a caminho de tragédias e desgraças...

Li, há poucos dias, sob o vidro de um "birô" ocupado por um alto funcionário do Banespa, o seguinte conselho:

"Quando o sofrimento vier ao teu encontro, deixa rolar dos teus olhos uma lágrima, dos teus lábios um sorriso e do teu coração uma prece a DEUS".

Assim procedendo, estamos trilhando o caminho que nos leva à felicidade enquanto dentro de nós pulsar um coração temente a Deus.

A PENA MÍNIMA

Cristo não veio para tirar sofrimento,
mas para mostrar como enfrentá-los.

Arnaldo A. Azevedo

Fui encaminhado pela Dra. Carlota (1) do Hospital de Oncologia, onde me submeti a aplicações de Cobalto, ao Hospital Dr. Luiz Antônio, para submeter-me a tratamento dentário. Encontro e passo a conhecer a odontóloga Lourdes Arruda que, com muita dedicação e lhaneza, tem procurado reparar os estragos causados por relapsia de minha parte, pelas mazelas trazidas pela enfermidade e impostas, talvez, pela aplicação do cobalto, durante quase dois meses.

Ali, no Hospital, fiquei algumas vezes à espera da “chamada” para o tratamento e, em meio aos companheiros de infortúnio, outra coisa não tinha a fazer: ver deformidades e ouvir lamentos.

O quadro que sempre encontrei levou-me à conclusão de que era eu o mais feliz dos que ali se mantinham, em estado de atroz expectativa, sem previsão do que poderia advir.

Sentí, no olhar de alguns, a angústia e a apreensão que os invadia em busca de recuperação; observei que muitos, passivamente, aceitavam o infortúnio e irradiavam, somente, tristeza e desolação; outros, demonstravam impaciência e nervosismo ante, presumo, o estado de agravamento que sentiam chegar, impiedosamente.

O mal é terrível e traiçoeiro. Ao instalar-se impinge um assustador abatimento na indefesa vítima. Não só emocional como, algumas vezes, de sofrimento físicos.

Diante de paisagem tão triste e comovedora, chego a reconhecer que a pena que me foi infligida foi em grau mínimo... e, por isso, não me cansarei de dar graças a Deus, o Todo Poderoso.

Sou, apenas, um laringectomizado e, segundo meu médico, não há possibilidade de metástese. Isso me faz ficar tranquilo e acreditar que, em breve, poderei chegar em qualquer roda de amigos e, apresentando-me são e salvo, possa conversar com todos eles, pois, não me faltam os ensinamentos de minha fonoaudióloga, Dra. Hannalice, (2) muita força de vontade de minha parte e, ainda, o indispensável auxílio d'Aquele que, em vida curou tantos doentes que suplicavam o desaparecer dos seus sofrimentos... suas dores...

1 — Dra. Maria Carlota Rodrigues Mendes

2 — Dra. Hannalice Gottschalck Cavalcanti

SAÚDE, BELEZA DA VIDA...

Não fiz, hoje, a caminhada diária das 5,30 da manhã. Faltou-me coragem e suspeitei da chegada de um resfriado. Notei, porém, um vermelhão abaixo da região onde me recomendaram aplicações de cobalto, há mais de um ano.

Decido-me consultar o Dr. Curioso, após ser informado de que o mesmo se encaminhava à Casa de Saúde São Lucas, afim de visitar um cliente seu, ali internado.

Ao chegar, um agradável encontro com o Dr. Aluisio Leite, velho amigo dos tempos de estudante e hoje competente profissional da medicina e Professor Universitário que, à época, preferiu optar pelos ensinamentos de Hipócrates a trabalhar sob a proteção de THEMIS, apesar de, devidamente credenciado, por brilhante aprovação em exames vestibulares.

Feliz e agradável encontro, repito, já que não nos víavamos, havia algum tempo.

Após saber o que estava eu a fazer ali, olhou a região avermelhada e disse: isso é um problema inflamatório sem maiores consequências. Você é feliz... dê graças a Deus!

Senti um grande alívio... impossível seria a opinião de um amigo, de um médico, para, apenas, agradar-me ou, mesmo tranquilizar-me, pois homem da estirpe de Aluisio não fala por falar e seu diagnóstico é uma sentença irreparável e irrecorrível, gastando as velhas expressões usadas no meio jurídico pelos estudiosos.

Tirei a prova real ao deparar-me com o cirurgião que, logo depois, convidou-me a seguí-lo para examinar-me e, de pronto, medicou-me. Traquilidade absoluta. Por que não pôr fé em diagnóstico de dois amigos e, ainda, se sei que estou vivendo sob a proteção d'Aquele que jamais me negou o amparo que sempre lhe pedi...

Como é gratificante, meu Deus, saber que estamos bem, em estado físico saudável...

Lí, há alguns dias, num dos sermões de Vieira:

“Se o médico der ao enfermo a saúde, e o enfermo ao médico todas as riquezas, menos recebe o médico, que o enfermo”.

Não pode haver maior verdade... Pura sabedoria...

De que vale a riqueza para quem não goza das delícias da saúde? Riqueza é saúde, isso sim...

READQUIRIR A VOZ

O perigo nos ameaçou a vida. O cirurgião o afastou. Ficamos, porém, privado da voz. Disso tínhamos conhecimento e para tanto apresentaremos o nosso “de acordo” a fim de que ele, o médico, convocando seus auxiliares realizasse a operação de alto risco mas indispensável.

Não tínhamos a menor ideia de como ficariam as coisas e as surpresas cons-

tantes surgiam ante a ineficácia de esforços tentados...

Que fazer para ser compreendido no passar dos dias? recorreremos ao lápis e recebemos, até, presente de pequenos blocos de papel do amigo Chico Nunes, grande figura humana e boêmia, para que pudéssemos usá-lo quando necessário fosse um entendimento com qualquer pessoa.

O lápis e o papel são uma solução, é verdade mas não satisfatória porque nos enerva bastante. É a lentidão da escrita em disputa com a velocidade do pensamento.

Há, felizmente, o milagre da foniatria que vem completar a obra cirúrgica, tornando possível uma voz após a laringectomia, graças à aprendizagem da voz esofágica.

Do livro que nos chegou pelas mãos da fonoaudióloga responsável pela nossa reeducação — Dra. Hannalice — retirei as palavras que se seguem do Dr. M. AUBRY, professor de Clínica D.R.L. da Fac. de Medicina de Paris, ao prefeciar o livro **A VOZ SEM LARINGE**, de F. Le Huche:

“Os olhos, os ouvidos e a laringe são órgãos essenciais para o homem, pois permitem-lhe não ficar isolado do mundo e se comunicar com seus semelhantes. Um homem que vê e ouve não pode gozar plenamente a vida se tiver perdido a possibilidade de se exprimir por meio da palavra: Como, diz bem as Escrituras: “no princípio era o verbo”.

E continua o prefaciante:

“O Dr. Le Huche não somente possui fé, mas deseja transmitir essa fé aos demais, quer sejam reeducadores ou **LARINGECTOMIZADOS**”.

Sábias palavras... benditas palavras...

São puro alento pois relutamos, e isso deve ser compreensível, a nos aceitar como somos, a viver as consequências da intervenção que nos mutilou. Gostaríamos de esquecer tudo. É preciso que tomemos consciência daquilo que fisicamente nos aconteceu, porque o acidente foi dolorosamente sentido, tanto no plano físico, como no plano moral.

Que voltaremos a falar, temos absoluta certeza.

Para isso, estamos possuído de calma, perseverança e muita fé nos ensinamentos recebidos, por serem abençoados por DEUS...

OUÇAM NOSSO APÊLO!

Muita dedicação e muita paciência são condições indispensáveis, para obter-se êxito nos treinamentos para recobrar a voz. Aos poucos, emitem-se os sons correspondentes às vogais, depois a sílabas, a palavras dissílabas e, assim por diante, dentro das normas estabelecidas pela fonoaudióloga, especialista que é, geralmente, verdadeiro receptáculo de paciência.

São sons metálicos (voz esofágica) mas causadores de alegria incontida, quando o interlocutor nos entende...

Decepciona-nos e causa mágoa, porém, quando alguém, sem entender o que desejamos transmitir, para ser presumivelmente, cortês, imitam as lagartixas e

calangos, num sim-sim de cabeça, no dizer de Jorge Fernandes. Por que concordar, se não entendeu? Isso, não só desagrada-nos... como provoca a todos nós uma profunda decepção, por julgarmos ser a atitude do amigo um gesto hipócrita para, tão somente, tornar-se agradável.

Não queremos que sejamos advinhos... mas que, sendo sinceros, confessem o não entendimento para que possamos, de outra maneira, transmitir nossos desejos.

A franqueza em dizer "não entendi" não pode implicar, de forma alguma, em mostra de incompetência e, é claro, o pobre do laringectomizado, por ser portador de deficiência, não pode ser claro como os sadios e normais.

Pedimos, isso sim:

Confessem que não nos entenderam pois temos outros meios de comunicação. Se analfabeto, por mímica, por gestos... se alfabetizados, pela escrita.

Há, ainda, os que usam aparelhos de prótese vocal.

Esses comunicam-se facilmente, e não podem ser reeducados pela voz esofagiana. É o aparelho a única solução.

Pedimos, portanto, àqueles a quem nos dirigimos que, de coração aberto, tenham boa vontade para com quem perdeu a voz e pretende comunicar-se...

Espero não renovar tal apelo. Em breve estarei falando, se Deus assim o permitir...

Para isso, acompanham-me, em todos os momentos: a força de vontade, a perseverança e a fé em DEUS...



COMPOSTO E IMPRESSO NA COMPANHIA EDITORA
DO RIO GRANDE DO NORTE-CERN — AV. JUNQUEIRA
AYRES, 355 — NATAL-RN — FONES: 221-2240 — 221-2241

OUTRAS OBRAS DO AUTOR

- 1 — Mons. Walfredo Gúrgel — Um símbolo
Centro Gráfico do Senado Federal — 1979
- 2 — Paróquia de Acari, 150 anos
Gráfica Manimbu — Fundação José Augusto
— 1985
- 3 — Tempo de Menino
Clima — Artes Gráficas e Publicidade Ltda.
— 1986
- 4 — Mons. Walfredo Gurgel — O poeta
Centro Gráfico do Senado Federal — 1989